

The book was found

A Conjuração Anticristã (Portuguese Edition)

by
Sandi Doughton



DOWNLOAD E-BOOK

Synopsis

Nesta obra fundamental, Monsenhor Henri Delassus (1836-1921) apresenta-nos uma análise histórica, filosófica e religiosa das tentativas de destruição da Igreja Católica durante a Renascença, a Reforma e as diversas revoluções dos séculos XVIII e XIX. O autor nos expõe como ocorreu a difusão dos ideais humanistas e naturalistas pelas lojas maçônicas, denuncia o seu objetivo de impor à humanidade uma nova visão do homem e aponta quais os seus fins últimos. Explica-nos de que modo trabalham para o estabelecimento de uma república universal de caráter naturalista, quem são seus agentes principais e quais as raízes profundas de seu embate contra o catolicismo. Escrito há mais de cem anos (1910), este livro é profético. O leitor contemporâneo certamente ficará surpreendido com as previsões do autor, visto que o plano aqui exposto se realizou exatamente como ele previra. A conjuração anticristã é uma leitura indispensável para se compreender a história da Igreja Católica e o curso dos acontecimentos políticos no século XX e nestas primeiras décadas do século XXI.

Sort review

"More than just a dire warning about the "big one"...[Full Rip 9.0] renders the remarkable story of how geologists and other scientists have pieced together evidence of an immense Northwest "megaquake"...[Full Rip 9.0] may make you a little jittery (and cause you to re-evaluate your family's earthquake readiness), but it is a captivating read even as it challenges long-held assumptions — including the firmness of the ground under your feet. The Seattle Times"Written by Seattle Times science writer Sandi Doughton, the book is a hard, fast and compelling look at the potential impact The Big One might have on us, and it documents the detective work being done by researchers who are trying to nail down the shifting tectonic structures below. It's recommended beach reading, as long as you know your tsunami evacuation route."Knut Berger, Seattle magazine"[If you want] to know more about our region's history, seismic or otherwise, to say nothing of your odds of being squashed by a pancaking viaduct or a washed away by a monster tsunami, order yourself a copy of Doughton's book."Dan Savage, The Stranger"'Full Rip 9.0' is a worthy addition to the small shelf of books about the greatest natural hazard facing the Pacific Northwest. Doughton balances the excitement of scientific discovery with the grave risks that recent findings have revealed. Every Oregonian should learn and heed this Cascadia story. The Oregonian"Full Rip is a short, alarming read. ...the subject carries more than enough natural interest for Seattle residents that they'll paw through this book feverishly."The Stranger"...the most readable [Pacific Northwest earthquake] telling so far."The Portland Mercury"Seattle Times reporter Sandi Doughton draws the reader into in-depth science—science that says it's a matter of if, not when, a big quake will strike—with vivid stories of the scientists behind the data. ...From the schools that will be shaken to the leaky tanks and Columbia Generating Station nuclear plant at Hanford that will feel the earth move, Full Rip 9.0 is terrifying in its implications, yet an entertaining summer read."Eugene Weekly"Restocking my family's emergency preparedness kit zoomed to the top of my to-do list this week, after I read 'Full Rip 9.0.' Seattle science reporter Sandi Doughton has written this alarming assessment of our region's seismic activity throughout history and uses the latest scientific research to speculate on what we might expect in the future."The Bellingham Herald"Full Rip 9.0 by Sandi Doughton is a compelling story about historic mega earthquakes along the Pacific Coast from northern California to southern British Columbia."The Christian Science Monitor"Doughton's story

focuses on the geological record and its implications for the Northwest. Does the region face an offshore mega-quake and tsunami on the scale of Japan's 3/11/11 event that will kill thousands and devastate the economy, or a series of magnitude 8 offshore quake and tsunami events that will cumulatively be nearly as devastating?"The SunBreak" In this fascinating book, The Seattle Times science reporter Sandi Doughton introduces readers to the scientists who are dedicated to understanding the way the earth moves and describes what patterns can be identified and how prepared (or not) people are. With a 100% chance of a mega-quake hitting the Pacific Northwest, this fascinating book reports on the scientists who are trying to understand when, where, and just how big THE BIG ONE will be... If you live in this region, you should read this book!"Birdbooker Report --This text refers to an alternate kindle_edition edition. About the Author Sandi Doughton writes about science for The Seattle Times and has been a journalist for 20 years covering environment, science, health, and medicine. She lives in Seattle. From the Trade Paperback edition. --This text refers to an alternate kindle_edition edition.

[Download to continue reading...](#)

Look inside the book

O Águia do Sul é uma editora de ebooks independente e sem nenhum tipo de financiador, de cosmovisão Católica e Tradicionalista, e contrário aos inimigos desses dois princípios (religioso e político). No entanto, qualquer tipo de livro perigoso (livros de Édouard Schuré, René Guénon, Maurice Pinay, entre outros) é com a pretensão de que o cliente, no caso o comprador da obra, terá que fazer uma análise crítica, lógica e racional do conteúdo das obras, que poderá ter vários pontos positivos e negativos, como verdadeiros e falsos; principalmente se tratando do campo religioso que fora do Catolicismo não há VERDADE plena e integral, por mais que as outras crenças e religiões sejam atraentes. Para cada livro ser transformado em um ebook, são necessários alguns ajustes por parte nossa. Cada livro publicado – livros em domínio público, esquecidos, antigos ou excluídos, ou seja, qualquer livro que foi negado de ser publicado por nossas editoras (por desinteresses partidário ou do público) – é necessário diversas horas de edição para ficar definitivamente pronto; por tanto, poderão, apesar de pouco provável, haver infelizes erros na edição que passaram despercebido. Todas as capas são exclusiva autoria do Águia do Sul. VISÃO: A iniciativa “Águia do Sul” partiu da necessidade de lançar essas obras importantes, muitas desconhecidas para o público brasileiro atual, que em sua grande parte estão sobre domínio público. Muitos desses livros não se encontram mais em formato físico e nem em formato e-book – pelo menos não em português –, sendo que, restaurá-los e atualizá-los, é a principal missão, visando o conhecimento e o enriquecimento da cultura. Sobre questão do conteúdo de alguns dos livros disponíveis; recomendo a reflexão profunda e sincera sobre esta frase de São Paulo, verdadeiro santo da Igreja de Cristo: “Examinai tudo: abraçai o que é bom.” (I Tessalonicenses, capítulo 5, versículo 21) TODOS OS LIVROS POSTADOS PELO ÁGUIA DO SUL PODEM SER COMPARTILHADOS LIVREMENTE E GRATUITAMENTE. Contato: tony03011995@gmail.com Chave de PIX (para contribuições voluntárias): tony03011995@gmail.com. OBSERVAÇÃO: se possível avalie o produto após a compra ou após ler, por gentileza. O feedback é essencial para a propagação do perfil. * * * * * * Gênero da obra: * Misticismo, gnosticismo ou falsa religião * Catolicismo e Cristianismo * Biografia, autobiografia ou relatos pessoais * Filosofia, Sociologia ou Manifestos políticos e/ou sociais * Literatura de Ficção * História * * * * * * Aperta para ser direcionado acessar o link A.D Sertillanges: * Antônio Sardinha: * Arlindo Veiga dos Santos: ** Assis Cintra: ** Dom Vital: * Dom Frei Boaventura: **** Édouard Schuré: **** Eduardo Prado: * Enéas Carneiro: **** Farias Brito: * Francis Bacon: * Frei Fidéli: Fomos e Somos Atlântida Fulton J. Sheen * George Orwell: * General Olímpio Mourão Filho: * Gustavo Barroso: ***** . * J. C. Fairbanks: * José da Gama e Castro: – Parte Primeira * Joseph de Maistre: Considerações Sobre a França * Joseph François Michaud: ** III, *IV, *V, *VI, *VII * Maurice Pinay: *II *III *IV * Complô contra a Igreja (volume completo) * Mons. Henri Delassus: ** Orlando Fedeli: ** Plínio Salgado: ***** Padre Mark Tennien: * Padre Emílio Silva: * Padre Júlio Maria Lombaerde ** Príncipe Félix Yussupov: * René Guénon: ***** Pierre Gaxotte: Revolução Francesa * Especial: ***** CATÁLOGO VISUAL: Monsenhor Henri Delassus, (—), foi um , doutor em , e escritor e . Nascido em de , foi ordenado padre em em . Veio a ser diretor do jornal Semaine Religieuse de Cambrai em . Foi membro do . Se posiciona contra a , o . Para combater estas ideias ele defende uma e uma apoiada na e nos valores da . Seu pensamento é costumeiramente enquadrado dentro da escola , devendo muito a pensadores como , , e o sociólogo . OBRAS: A Conjuração Anti-Cristã: O Templo Maçônico que quer se Erguer sobre as Ruínas da Igreja Católica (1910) O Problema da Hora Presente Verdades

Sociais e Erros Democráticos
Les pourquoi de la première guerre mondiale
O Espírito de Família, na casa, na cidade, e no Estado
O Americanismo e a Conjuração Anti-Cristã (1898)
A missão póstuma de Santa Joana d'Arc e o Reino Social de Nosso Senhor Jesus Cristo
A CONJURAÇÃO ANTICRISTÃ
Volume Único
Monsenhor HENRI DELASSUS
Doutor em Teologia
As portas do inferno não prevalecerão contra Ela. (São Mateus, Capítulo XVI, versículo 8)
SECRETARIA DE ESTADO DE SUA SANTIDADE
Do Vaticano, 23 de outubro de 1910.
MONSENHORO Santo Padre Pio X recebeu com paternal interesse a obra intitulada: "A Conjuração Anticristã", que me pedistes para Lhe encaminhar em vosso nome. Sua Santidade vos felicita afetosamente por haverdes levado a bom termo a composição dessa obra importante e sugestiva, em seqüência a uma longa série de estudos que igualmente fazem honra a vosso zelo e a vosso ardente desejo de servir a causa de Deus e da Santa Igreja. As idéias diretrizes de vosso belo trabalho são aquelas que inspiraram os grandes historiadores católicos: a ação de Deus nos acontecimentos deste mundo, o fato da Revelação, o estabelecimento da ordem sobrenatural, e a resistência que o espírito do mal opõe à obra da Redenção. Vós mostrais o abismo a que conduz o antagonismo entre a civilização cristã e a pretensa civilização que regride em direção ao paganismo. Quanta razão tendes em estabelecer que a renovação social só se poderá fazer através da proclamação dos direitos de Deus e da Igreja! Ao vos exprimir sua gratidão, o Santo Padre faz votos de que possais, com uma saúde sempre vigorosa, realizar inteiramente o plano sintético que traçastes, e como sinal de Sua particular benevolência, Ele vos envia a Bênção Apostólica. Com meus agradecimentos pessoais e minhas felicitações, recebei, Monsenhor, a certeza dos meus sentimentos bem devotados em Nosso Senhor. Cardeal MERRY DEL VAL
Monsenhor Henri Delassus
Prelado Doméstico
Lille
À NOSSA SENHORA, VIRGEM MARIAPRESERVADA DO PECADO ORIGINAL À VISTA DOS MÉRITOS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO
Deus disse à serpente: "Porei inimizades entre ti e a Mulher, entre tua posteridade e a posteridade d'Ela. Ela te esmagará a cabeça. E tu Lhe ferirás o calcanhar" (GÊNESIS, CAPÍTULO III, versículo 15)
SOBRE O AUTORMons. Henri Delassus (1836-1921), ordenado sacerdote em 1862, exerceu o ministério como vigário em Valenciennes (Saint-Géry) e Lille (Sainte-Catherine e Sainte-Marie-Madelaine). Em 1874 foi nomeado capelão da Basílica Notre-Dame de la Treille (Lille). Cônego honorário em 1882 e Prelado Doméstico em 1904. Em 1911 foi promovido a Protonotário Apostólico. Em 1914 tornou-se Cônego da recém-criada diocese de Lille e Deão do Cabido da Catedral. Como escritor publicou as seguintes obras: Histoire de Notre-Dame de la Treille, Patronne de Lille (1891), L'Américanisme et la Conjuration Antichrétienne (1899), Le Problème de l'Heure Présente: Antagonisme de Deux Civilisations (2 vols., 1904), L'Encyclique "Pascendi Dominici Gregis" et la Démocratie (1908), Vérités Sociales et Erreurs Démocratiques (1909), La Conjuration Antichrétienne: Le Temple Maçonique voulant s'élever sur les Ruines de l'Eglise Catholique (prefácio do Cardeal Merry del Val, 3 vols., 1910), Condamnation du Modernisme dans la Censure du Sillon (1910), La Question Juive (extraído de La Conjuration Antichrétienne, 1911), La Démocratie Chrétienne: Parti et Ecole vus du Diocèse de Cambrai (1911), La Mission Posthume de Jeanne d'Arc et le Règne Social de Jésus-Christ (1913), Les Pourquoi de la Guerre Mondiale: Réponses de la Justice Divine, de l'Histoire, de la Bonté Divine (3 vols., 1919-1921). Como jornalista, em 1872 passou a colaborar no periódico "Semaine Religieuse du Diocèse de Cambrai", do qual se tornou proprietário, diretor e principal redator em 1874. Fez desta publicação "um bastião contra o Liberalismo, o Modernismo, e todas as formas de conspiração anticristã no mundo". Com a criação da Diocese de Lille esta revista tomou o nome de "Semaine Religieuse du Diocèse de Lille",

tornando-se órgão oficial do bispado em 1919. Mons. Delassus — que fora ordenado sacerdote sob Pio IX — exerceu a maior parte das atividades do seu ministério sob Leão XIII e S. Pio X, havendo falecido durante o pontificado de Bento XV. Teve parte saliente nas ardentes polêmicas que marcaram a vida da Igreja durante esses pontificados, sempre movido pelas grandes preocupações que marcaram os pontificados de Pio IX e de S. Pio X. O modo de Mons. Delassus encarar os problemas religiosos, sociais e políticos da Europa e da América do seu tempo era muito afim com o de Pio IX e o de S. Pio X, orientação que defendeu com inteligência, cultura e valentia inextinguível, quer durante o reinado desses dois Pontífices, quer durante o de Leão XIII. Como é sabido, a interpretação que este último dava ao panorama geral religioso, social e político da Europa e da América no mesmo período, quer como Cardeal-Bispo de Perusa, quer como Papa, em muitos pontos não coincidia — na medida em que tal pode ocorrer entre Papas — com a interpretação de Pio IX e de S. Pio X. A fidelidade de Mons. Delassus à linha de pensamento e de ação que ele seguira sob Pio IX continuaria a seguir durante os pontificados subseqüentes, era própria a expô-lo a incompreensões, advertências e medidas acautelatórias, provavelmente penosas para ele, partidas da Cúria Romana ao tempo de Leão XIII. Ele as recebeu com toda a medida de acatamento preceituado pelas leis da Igreja, mas usando também da medida de liberdade que essas leis lhe asseguravam. Assim, foi ele objeto de advertências de autoridades locais e da própria Santa Sé devido aos seus ataques contra o Congresso Eclesiástico de Reims (1896) e o Congresso da Democracia Cristã (1897). Em 1898 uma carta do Pe. Sébastien Wyart fez-lhe ver que os seus artigos polêmicos desagradavam ao Vaticano. Logo a seguir, a Santa Sé pediu a Mons. Delassus para cessar “a sua campanha refratária e as suas polêmicas violentas”. Em 1902 o Cardeal Rampolla pediu a Mons. Sannois, Bispo de Cambrai, para advertir o jornal de Mons. Delassus, “Semaine Religieuse”. A ascensão de S. Pio X ao Sólido Pontifício haveria de reparar largamente Mons. Delassus pelos dissabores que sofrera. O Santo Pontífice compreendeu, admirou e apoiou claramente o valente polemista, como esta também apoiou sem reservas a luta antiliberal e antimodernista de S. Pio X. Como reconhecimento ao mérito dessa luta o valoroso sacerdote foi elevado por S. Pio X a Prelado Doméstico em 1904, a Protonotário Apostólico em 1911, tendo também ascendido ao cargo de Deão do Cabido da Catedral de Lille em 1914.[1] Durante a Guerra, Mons. Delassus suspendeu compreensivelmente as suas polêmicas tal como o fizeram, em benefício da união nacional contra o adversário externo, os polemistas franceses de todos os matizes. Na aurora da paz, em 1918, Mons. Delassus reacendia a sua chama de polemista. Esta chama sagrada extinguiu-a pouco depois a sua morte. As duas edições francesas do “PROBLEMA DA HORA PRESENTE” estão esgotadas. Restam alguns exemplares da versão italiana[2]. Os livreiros pedem que essa obra seja reimpressa, para que possam atender aos pedidos de seus clientes. O autor entendeu não dever ocupar-se com a reimpressão. O problema que o Americanismo havia apresentado inicialmente às suas meditações tornou-se logo, no seu espírito, o da Revolução, depois o da civilização moderna, que data da Renascença. Hoje, ele o concebe numa amplitude ainda maior: é o problema da resistência que o naturalismo opõe ao estado sobrenatural que Deus se dignou de oferecer às Suas criaturas inteligentes. Assim considerado, o problema abraça todos os tempos. Ele se apresentou na criação dos anjos, no paraíso terrestre, no deserto onde Cristo quis submeter-se à tentação; ele continuará colocado, para a cristandade e para cada um de nós, até o fim do mundo. Refazer a obra esgotada oferecia, sob esse ponto de vista, duas vantagens. Após madura reflexão, o autor preferiu seccionar sua obra. O problema estava posto assim: existe luta entre a civilização cristã que está na posse do estado e a civilização moderna que quer suplantá-la; qual será a

saída para esse antagonismo? Daí três questões: A do Judeu e do Franco-Maçom, que são precisamente hoje, aos olhos de todos, os sitiados da cidadela católica. A da Democracia, que é, no dizer dos próprios sitiados, a sugestão-mãe de que se servem para atacar a civilização cristã na opinião pública e em seguida nas instituições. A da Renovação Religiosa, social e familiar, exigida pelas ruínas já amontoadas e aquelas que o anticristianismo ainda fará. Essas três questões foram intimamente unidas no livro intitulado: O Problema da Hora Presente. O autor acreditou ser bom separá-las a fim de poder tratar cada uma delas mais a fundo. A questão da democracia foi retomada na obra que acaba de aparecer sob o título: Verdades Sociais e Erros Democráticos. A questão da conjuração anticristã, da qual a seita judeu-maçônica é a alma e o braço, é objeto do presente livro. O autor não se deteve em procurar as origens da seita; não se preocupou em estudá-la de pontos de vista diversos, nos quais outros publicistas se colocaram. O que ele quis trazer à luz foi a parte de ação que a seita judeu-maçônica tem na guerra declarada à instituição católica e à idéia cristã, e o objetivo dessa guerra. Esse objetivo é de arrancar a humanidade da ordem sobrenatural fundada pela Redenção do divino Salvador e de fixá-la definitivamente no naturalismo. Faltará falar da Renovação. Ela não pode ser fruto senão da restauração da Autoridade: A autoridade de Deus sobre Sua obra, particularmente sobre as criaturas inteligentes; A autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, o novo Adão, sobre a humanidade que Ele resgatou com Seu Sangue e da qual Ele é o Senhor por Sua personalidade divina; A autoridade da Igreja sobre os povos que Ela dotou de civilização cristã e que se precipitam nos Seus braços sob a pressão do abandono em que vai jogá-los o progresso da civilização moderna; A autoridade das famílias principescas sobre as nações que elas construíram; A autoridade do pai na sua família e a dos ancestrais sobre as gerações de que foram o princípio. Enfim, o direito de propriedade sobre os bens de que a família ou o indivíduo se tornaram autores por seu trabalho e suas virtudes, e não sobre as riquezas adquiridas pela agiotagem ou pela injustiça. A Renovação exige essa sêxtupla restauração. Se ela não começa a se produzir num futuro próximo, a sociedade familiar, civil, religiosa se precipitará no abismo em direção ao qual ela corre com uma velocidade que se acelera a cada dia. Feito esse terceiro trabalho, faltaria reconstruir a síntese da qual jorraria a solução do enigma que inquieta as gerações contemporâneas e que projetaria sua luz sobre o futuro da humanidade. Septuagenário há cinco anos, o autor não pode esperar cumprir tal encargo. Queira Deus, se isto entra em Seus desígnios, de confiá-lo a quem puder levá-lo a bom termo.

I. ESTADO DA QUESTÃO

CAPÍTULO I: AS DUAS CIVILIZAÇÕES

O Syllabus de Pio IX termina com esta proposição condenável e condenada: "O Pontífice romano pode e deve se reconciliar e transigir com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna". A última proposição do decreto que se chamou o Syllabus de Pio X, proposição igualmente condenável e condenada, está concebida assim: "O catolicismo de hoje não se pode conciliar com a verdadeira ciência, a menos que se transforme num cristianismo não dogmático, isto é, num protestantismo sábio e liberal". Sem dúvida não foi sem intenção que essas duas proposições receberam, num e noutro Syllabus, este lugar, o último, aparecendo aí como conclusão. Dá-se que, com efeito, essas proposições resumem as precedentes e precisam-lhes o espírito.

[3] É necessário que a Igreja se reconcilie com a civilização moderna. E a base proposta para essa reconciliação é, não a aceitação dos dados da verdadeira ciência, que a Igreja jamais repudiou, que Ela sempre favoreceu, cujos progressos Ela sempre aplaudiu e para o qual contribuiu mais do que qualquer outra instituição; mas o abandono da verdade revelada, abandono que transformaria o catolicismo num protestantismo largo e liberal, no qual todos os homens pudessem se reencontrar, quaisquer que fossem suas idéias a respeito de Deus, de Suas revelações e de Seus

mandamentos. Dizem os modernistas que é apenas através desse liberalismo que a Igreja pode ver novos dias se abrirem diante d'Ela, obter a honra de entrar nas vias da civilização moderna e marchar junto com o progresso. Todos os erros assinalados num e noutro Syllabus apresentam-se como as diversas cláusulas do tratado proposto à assinatura da Igreja para essa reconciliação com o mundo, para sua admissão na cidade moderna. Civilização moderna. Existe, pois, civilização e civilização? Existiu, portanto, antes da era dita moderna uma civilização diversa daquela que o mundo de nossos dias usufrui, ou pelo menos, persegue? Com efeito, existiu, e existe ainda na França e na Europa, uma civilização chamada civilização cristã. Que motivo faz com que essas duas civilizações se diferenciem? Elas se diferenciam pela concepção que têm do fim último do homem, e dos efeitos diversos e mesmo opostos que uma e outra concepção produzem assim na ordem social como na ordem privada. "O objetivo último do homem é ser feliz", [4] diz Bossuet. Isto não é exclusivo dele: é o fim para o qual tendem todas as inteligências, sem exceção. O grande orador não falha em reconhecer isso: "As naturezas inteligentes não têm vontade nem desejo senão para sua felicidade". E acrescenta: "Nada de mais razoável, porque o que há de melhor do que desejar o bem, quer dizer, a felicidade?" [5] Assim, encontramos no coração do homem um impulso invencível, que o impele a procurar a felicidade. Se quisesse, não poderia se desfazer dele. É o fundo de todos os seus pensamentos, o grande móvel de todas as suas ações; e mesmo quando ele se atira à morte, é por estar persuadido de achar no nada uma sorte preferível àquela na qual ele se vê. O homem pode se enganar, e de fato ele se engana muito freqüentemente na busca da felicidade, na escolha da via que deve levá-lo a ela. "Colocar a felicidade onde ela está é a fonte de todo o bem, diz ainda Bossuet; e a fonte de todo o mal consiste em colocá-la onde não é preciso". [6] Isto é tão verdadeiro para a sociedade como para o homem individual. O impulso em direção à felicidade vem do Criador, e Deus nele acrescenta Sua luz para iluminar o caminho, diretamente por Sua graça, indiretamente pelos ensinamentos de Sua Igreja. Mas pertence ao homem, indivíduo ou sociedade, pertence ao livre arbítrio dirigir-se, ir buscar sua felicidade ali onde lhe agrada colocá-la, no que é realmente bom, e, acima de toda bondade, no Bem absoluto, Deus; ou naquilo que têm apenas as aparências do bem, ou que não é senão um bem relativo. Desde a criação do gênero humano o homem se desviou do bom caminho. Ao invés de crer na palavra de Deus e de obedecer à Sua determinação, Adão deu ouvidos à voz encantadora que lhe dizia para colocar seu fim nele mesmo, na satisfação de sua sensualidade, nas ambições de seu orgulho. "Sereis como deuses"; "o fruto da árvore era bom de comer, belo de ver, e de um aspecto que excitava o desejo". Tendo assim se desviado desde o primeiro passo, Adão arrastou sua descendência na direção que ele acabava de tomar. Nessa direção ela caminhou, nessa direção ela avançou, nessa direção ela submergiu durante longos séculos. A história aí está para contar os males que ela encontrou nesse longo extravio. Deus teve piedade dela. No Seu conselho de infinita misericórdia e de infinita sabedoria, Ele resolveu recolocar o homem sobre o caminho da felicidade. E a fim de tornar Sua intervenção mais eficaz, Ele quis que uma Pessoa divina viesse sobre a terra mostrar o caminho por Sua palavra, tocar os homens por Seu exemplo. O Verbo de Deus se encarnou e veio passar trinta e três anos entre nós, para nos tirar da via da perdição e para nos abrir a estrada de uma felicidade não enganosa. Suas palavras e Seus atos derrubavam todas as idéias até então aceitas. Ele dizia: Bem-aventurados os pobres! Bem-aventurados os mansos, os pacíficos, os misericordiosos! Bem-aventurados os puros! Até a vinda d'Ele, dizia-se: Bem-aventurados os ricos! Bem-aventurados aqueles que dominam! Bem-aventurados os que vivem sem nada recusar às suas paixões! Ele tinha nascido em um estábulo, fizera-Se o servidor de todos, sofrera morte e paixão, a fim de que não se considerassem suas palavras

meras declamações, mas lições, as mais persuasivas lições que possam ser concebidas, dadas que eram por um Deus, e um Deus que Se aniquilou por amor a nós. Ele quis perpetuar essas lições, torná-las sempre expressivas e operantes aos olhos e nos ouvidos de todas as gerações que deviam vir. Para isso Ele fundou a Santa Igreja. Estabelecida no centro da humanidade, Ela não cessou, pelos ensinamentos de seus doutores e pelos exemplos de seus santos, de dizer a todos os que Ela viu passar sob seus olhos: “Procurais, ó mortais, a felicidade, e procurais uma coisa boa; ficai atentos apenas para não procurardes onde ela não está. Vós a procurais na terra, mas não é aí que ela está estabelecida, nem aí que se encontram esses dias felizes dos quais nos falou o divino Salmista: Diligit dies videre bonos... Aí estão os dias de miséria, os dias de suor e de trabalhos, os dias de gemidos e de penitência, aos quais nós podemos aplicar as palavras do profeta Isaías: “Meu povo. Os que te dizem feliz, abusam de ti e perturbam tua conduta”. E ainda: “Os que fazem o povo acreditar que é feliz, são enganadores”. Pois onde se encontra a felicidade e a verdadeira vida, senão na terra dos vivos? Quem são os homens felizes, senão aqueles que estão com Deus? Esses vêem dias bonitos, porque Deus é a luz que os ilumina. Esses vivem na abundância, porque Deus é o tesouro que os enriquece. Esses, enfim, são felizes, porque Deus é o bem que os contenta e que, somente Ele, é tudo para todos”. [7] Do século I ao século XIII, os povos tornaram-se cada vez mais atentos a essa pregação, e o número dos que dela fizeram luz e regra de vida foi cada vez maior. Sem dúvida, havia fraquezas, fraquezas das nações e fraquezas das almas. Mas a nova concepção da vida permanecia lei para todos, lei que os desvios não faziam perder de vista e à qual todos sabiam, todos sentiam que era preciso retornar uma vez que se tivessem afastado. Nosso Senhor Jesus Cristo, com Seu Novo Testamento, era o doutor escutado, o guia seguido, o rei obedecido. Sua realeza era a tal ponto reconhecida pelos príncipes e pelos povos, que eles a proclamavam até em suas moedas. Em todas estava gravada a cruz, o signo augusto da idéia que o cristianismo tinha introduzido no mundo, que era o princípio da nova civilização, da civilização cristã, que devia regê-lo, o espírito de sacrifício oposto à idéia pagã, ao espírito de gozo que tinha construído a civilização antiga, a civilização pagã. À medida que o espírito cristão penetrava as almas e os povos, almas e povos cresciam na luz e no bem, se elevavam pelo só fato de verem a felicidade no alto e de a carregarem consigo. Os corações tornavam-se mais puros, os espíritos mais inteligentes. Os inteligentes e os puros introduziam na sociedade uma ordem mais harmoniosa, aquela que Bossuet nos descreveu no sermão sobre a eminente dignidade dos pobres. A ordem mais perfeita tornava a paz mais geral e mais profunda; a paz e a ordem engendravam a prosperidade, e todas essas coisas davam ensejo às artes e às ciências, esses reflexos da luz e da beleza dos céus. De sorte que, como observou Montesquieu: “A religião cristã, que parece não ter outro objetivo além da felicidade da outra vida, ainda constrói nossa felicidade nesta”. [8] É, ademais, o que São Paulo tinha anunciado, quando disse: “Pietas ad omnia utilis est, promissiones habens vitae quae nunc est et futurae. A piedade é útil para tudo, possuindo as promessas da vida presente e aquelas da vida futura”. [9] Não havia o próprio Nosso Senhor dito: “Procurai primeiro o reino de Deus e Sua Justiça, que o resto vos será dado de acréscimo”? [10] Não há aí uma promessa de ordem sobrenatural, mas o anúncio das conseqüências que deviam sair logicamente da nova orientação dada ao gênero humano. De fato, vemos que o espírito de pobreza e a pureza de coração dominam as paixões, fontes de todas as torturas da alma e de todas as desordens sociais. A mansidão, a pacificação e a misericórdia produzem a concórdia, fazem reinar a paz entre os cidadãos e na cidade. O amor da justiça, mesmo contrariado pela perseguição e pelo sofrimento, eleva a alma, enobrece o coração e lhe proporciona os mais sãos prazeres; ao

mesmo tempo eleva o nível moral da sociedade. Que sociedade, aquela em que as bem-aventuranças evangélicas fossem colocadas sob os olhos de todos, como objetivo a conquistar, e na qual seriam oferecidos a todos os meios de alcançar a perfeição e a bem-aventurança assinaladas no sermão da montanha: Felizes os que têm espírito de pobreza! Felizes os mansos! Felizes os que choram! Felizes os que têm fome e sede de justiça! Felizes os que são misericordiosos! Felizes os que têm o coração puro! Felizes os pacíficos! Felizes os que sofrem perseguição por amor da justiça! A ascensão, não direi das almas santas, mas das nações, teve seu ponto culminante no século XIII. São Francisco de Assis e São Domingos, com seus discípulos São Luís de França e Santa Elisabete da Hungria, acompanhados e seguidos por tantos outros, mantiveram por algum tempo o nível que havia sido atingido pela emulação que tinham excitado nas almas os exemplos de desapego das coisas deste mundo, de caridade em relação ao próximo e de amor a Deus, que tantos outros santos tinham dado. Mas enquanto essas almas nobres atingiam os mais altos cumes da santidade, muitas outras esfriavam no seu entusiasmo por Deus; e por volta do fim do século XIV, manifestou-se abertamente o movimento de retrocesso que arrebatou a sociedade e que a conduziu à situação atual, quer dizer, o triunfo próximo, o reino iminente do socialismo, fim obrigatório da civilização moderna. Porque enquanto a civilização cristã elevava as almas e tendia a dar aos povos a paz social e a prosperidade mesmo temporal, o fermento da civilização pagã tende a produzir seus últimos efeitos: a procura, por todos, de todos os prazeres; a guerra, para consegui-los, de homem contra homem, de classe contra classe, de povo contra povo; guerra que não poderia terminar senão com o aniquilamento do gênero humano.

CAPÍTULO IIA DUPLA CONCEPÇÃO DE VIDA

A civilização cristã procede de uma concepção de vida diversa daquela que dera origem à civilização pagã. O paganismo, empurrando o gênero humano pelo declive em que o pecado original o colocara, dizia ao homem que ele estava sobre a terra para fruir a vida e os bens que este mundo lhe oferece. O pagão não ambicionava, não buscava nada além disso; e a sociedade pagã estava constituída para oferecer esses bens tão abundantes e esses prazeres tão refinados, ou também tão grosseiros quanto possam ser, para os que estavam em situação de pretendê-los. A civilização antiga nasceu desse princípio, todas as suas instituições dele decorriam, sobretudo as duas principais, a escravidão e a guerra. Pois a natureza não é suficientemente generosa, e sobretudo então não tinha sido cultivada pelo tempo necessário e bastante bem para oferecer a todos os prazeres cobiçados. Os povos fortes subjugavam os povos fracos, e os cidadãos escravizavam os estrangeiros e mesmo seus irmãos, para obter produtores de riquezas e instrumentos de prazer. O cristianismo chegou e fez o homem compreender que devia procurar numa outra direção a felicidade cuja necessidade não cessa de atormentá-lo. Ele destruiu a noção que o pagão criara da vida presente. O divino Salvador ensinou-nos por Sua palavra, persuadiu-nos por Sua morte e ressurreição, que se a vida presente é uma vida, ela não é A VIDA que Seu Pai nos destinou. A vida presente não é senão a preparação para a vida eterna. Aquela é o caminho que conduz a esta. Nós estamos in via, diziam os escolásticos, caminhando ad terminum, na estrada para o céu. Os sábios de hoje exprimiriam a mesma idéia, dizendo que a terra é o laboratório no qual se formam as almas, no qual se recebem e se desenvolvem as faculdades sobrenaturais que o cristão, após a morte, gozará na morada celeste. Como a vida embrionária no seio materno. É também uma vida, mas uma vida em formação, na qual se elaboram os sentidos que deverão funcionar na estada terrestre: os olhos que contemplarão a natureza, o ouvido que recolherá suas harmonias, a voz que a isso misturará seus cantos etc. No céu nós veremos a Deus face a face[11], é a grande promessa que nos foi feita. Toda a religião está baseada nela. E no entanto nenhuma natureza

criada é capaz dessa visão. Todos os seres vivos têm sua maneira de conhecer, limitada por sua própria natureza. A planta tem um certo conhecimento das substâncias que devem servir à sua manutenção, posto que suas raízes se estendem em direção a elas, procurando-as para ingeri-las. Esse conhecimento não é uma visão. O animal vê, mas ele não tem a inteligência das coisas que seus olhos abarcam. O homem compreende essas coisas, sua razão as penetra, abstrai as idéias que elas contêm e através delas se eleva à ciência. Mas as substâncias das coisas permanecem escondidas, porque o homem é apenas um animal racional e não uma pura inteligência. Os anjos, inteligências puras, vêem a si mesmos na sua substância, podem contemplar diretamente as substâncias da mesma natureza da deles, e com mais razão as substâncias inferiores. Mas eles não podem ver a Deus. Deus é uma substância à parte, de uma ordem infinitamente superior. O maior esforço do espírito humano conseguiu qualificá-Lo de “ato puro”, e a Revelação nos diz que Ele é uma trindade de pessoas na unidade da substância, a segunda engendrada pela primeira, a terceira que procede das outras duas, e isso numa vida de inteligência e de amor que não tem começo nem fim. Ver a Deus como Ele é, amá-Lo como Ele Se ama – e nisto consiste a beatitude prometida – está acima das forças de toda natureza criada e mesmo possível. Para compreendê-Lo, essa natureza não deveria ser nada menos que igual a Deus. Mas aquilo que não tem cabimento pela natureza pode sobrevir pelo dom gratuito de Deus. E isto é: nós o sabemos porque Deus no-lo disse ter feito. Isto serve para os anjos e isto serve para nós. Os anjos bons vêem a Deus face a face, e nós somos chamados a gozar da mesma felicidade. Nós não podemos chegar a isso senão por alguma coisa de sobre-acrescentado, que nos eleva acima de nossa natureza, que nos torna capazes daquilo de que somos radicalmente impotentes por nós mesmos, como seria o dom da razão para um animal ou o dom da visão para uma planta. Essa alguma coisa é chamada aqui em baixo de graça santificante. É, diz o apóstolo São Pedro, uma participação na natureza divina. E é preciso que seja assim; pois, como acabamos de ver, em nenhum ser a operação ultrapassa, pode ultrapassar a natureza desse ser. Se um dia somos capazes de ver a Deus, é porque alguma coisa de divino terá sido depositada em nós, ter-se-á tornado uma parte do nosso ser, e o terá elevado até torná-lo semelhante a Deus. “Bem-amados – diz o apóstolo São João – , agora somos filhos de Deus, e aquilo que um dia seremos ainda não se manifestou: seremos semelhantes a Ele, porque nós O veremos tal como Ele é” (I Jo., III, 2). Essa alguma coisa nós a recebemos desde este mundo, no santo Batismo. O apóstolo São João a chama um germe (I Jo., III, 9), isto é, o início de uma vida. Era o que Nosso Senhor nos assinalava quando falava a Nicodemos sobre a necessidade de um novo nascimento, de uma geração para a nova vida: a vida que o Pai tem nEle mesmo, que Ele dá ao Filho, e que o Filho nos traz ao nos enxertar nEle pelo Santo Batismo. Essa palavra enxerto, que dá uma imagem tão viva de todo o mistério, São Paulo a tomara de Nosso Senhor, que disse a Seus apóstolos: “Eu sou a videira, vós sois os ramos. Assim como o ramo não pode dar fruto por si só, sem permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim”. Essas idéias elevadas eram familiares aos primeiros cristãos. O que o demonstra é que os apóstolos, quando levados a falar delas nas Epístolas, fazem-no como de uma coisa já conhecida. E de fato, foi assim que os ritos do batismo lhes foram apresentados em longas catequeses. Depois, as vestes brancas dos neófitos lhes dizia que eles começavam uma vida nova, que relativamente a essa vida eles estavam nos dias da infância: Filhos espirituais, era-lhes dito, como crianças recém-nascidas, desejai ardentemente o leite que deve alimentar vossa vida sobrenatural: o leite da fé sem alteração, sine dolo lac concupiscite, e o leite da caridade divina. Quando o desenvolvimento do germe que recebestes tiver chegado a seu fim, essa fé tornar-se-á clara

visão, essa caridade tornar-se-á amor divino. Toda a vida presente deve tender a esse desabrochar, à transformação do velho homem, do homem da pura natureza e mesmo da natureza decaída, em homem deificado. Eis o que acontece aqui em baixo ao cristão fiel. As virtudes sobrenaturais, infundidas em nossa alma no batismo, desenvolvem-se a cada dia pelo exercício que nós lhes damos com os socorros da graça, e tornam assim a graça capaz das atividades sobrenaturais que deverá desdobrar no céu. A entrada no céu será o nascimento, assim como o batismo foi a concepção. Assim são as coisas. Eis o que Jesus fez e a respeito do que Ele veio informar o gênero humano. Desde então a concepção da vida presente foi radicalmente mudada. O homem não estava mais sobre a terra para gozar e morrer, mas para se preparar para a vida do alto e merecê-la. GOZAR, MERECER, são as duas palavras que caracterizam, que separam, que opõem as duas civilizações. Isto não quer dizer que desde o momento em que o cristianismo foi pregado os homens não pensaram em mais nenhuma outra coisa que não fosse a sua santificação. Eles continuaram a perseguir as finalidades secundárias da vida presente, e a cumprir, na família e na sociedade, as funções que elas requerem e os deveres que elas impõem. Ademais, a santificação não se opera unicamente pelos exercícios espirituais, mas pelo cumprimento de todo dever de estado, por todo ato feito com pureza de intenção. “Tudo quanto fizerdes, diz o apóstolo São Paulo, por palavras ou por obras, fazei-o em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo... Trabalhai para agradar a Deus em todas as coisas, e dareis frutos em toda boa obra” (Col., I, 10 e III, 17). Além disso, permaneceram na sociedade, e nela permanecerão até o fim dos tempos, as duas categorias de homens que a Santa Escritura tão bem denomina: os bons e os maus. Todavia é de se reparar que o número dos maus diminui e o número dos bons aumenta à medida que a fé adquire mais influência na sociedade. Estes, porque têm a fé na vida eterna, amam a Deus, fazem o bem, observam a justiça, são os benfeitores de seus irmãos, e por tudo isso fazem reinar na sociedade a segurança e a paz. Aqueles, porque não têm fé, porque seus olhares ficaram fixados nesta terra, são egoístas, sem amor, sem piedade por seus semelhantes: inimigos de todo o bem, eles são na sociedade uma causa de discórdia e de impedimento para a civilização. Misturados uns aos outros, os bons e os maus, os crentes e os incrédulos, formam as duas cidades descritas por Santo Agostinho: “O amor a si, que pode ir até ao desprezo de Deus, constitui a sociedade comumente chamada “o mundo”; o amor a Deus, levado até ao desprezo de si mesmo, produz a santidade e povoa “a vida celeste”. À medida que a nova concepção da vida trazida por Nosso Senhor Jesus Cristo à terra entrou nas inteligências e penetrou nos corações, a sociedade se modificou: o novo ponto de vista mudou os costumes, e, sob a pressão das idéias e dos costumes, as instituições se transformaram. A escravidão desapareceu, e ao invés de se ver os poderosos subjugarem seus irmãos, viu-se-os se dedicarem até ao heroísmo para obter-lhes o pão da vida presente, e também, e sobretudo, para obter-lhes o pão da vida espiritual, para elevar as almas e santificá-las. A guerra não mais foi feita para se apoderar dos territórios de outrem, e conduzir homens e mulheres à escravidão, mas para quebrar os obstáculos que se opunham à expansão do reino de Cristo e obter para os escravos do demônio a liberdade dos filhos de Deus. Facilitar, favorecer a liberdade dos homens e dos povos nos seus passos em direção ao bem, tornou-se a finalidade para a qual as instituições sociais se encaminharam, senão sua finalidade expressamente determinada. E as almas aspiraram ao céu e trabalharam para merecê-lo. A busca dos bens temporais pelo gozo que deles se pode tirar não foi mais o único nem mesmo o principal objeto da atividade dos cristãos, pelo menos dos que estavam verdadeiramente imbuídos do espírito do cristianismo, mas a busca dos bens espirituais, a santificação da alma, o crescimento das virtudes, que são o ornamento e as verdadeiras delícias da vida

daqui de baixo, e ao mesmo tempo garantia da bem-aventurança eterna. As virtudes adquiridas pelos esforços pessoais se transmitiam pela educação de uma geração a outra; e assim se formou pouco a pouco a nova hierarquia social, fundada não mais sobre a força e seus abusos, mas sobre o mérito: em baixo, famílias que se detiveram na virtude do trabalho; no meio, aquelas que, sabendo juntar ao trabalho a moderação no uso dos bens que ele lhes propicia, fundaram a propriedade através da poupança; no alto, aquelas que, desembaraçando-se do egoísmo, se elevaram às sublimes virtudes da dedicação a outrem: povo, burguesia, aristocracia. A sociedade foi baseada e as famílias escalonadas sobre o mérito ascendente das virtudes, transmitidas de geração em geração. Tal foi a obra da Idade Média. Durante seu curso, a Igreja realizou uma tripla tarefa. Ela lutou contra o mal que provinha das diversas seitas do paganismo e o destruiu; ela transformou os bons elementos que se encontravam entre os antigos romanos e as diversas espécies de bárbaros; enfim, Ela fez triunfar a idéia que Nosso Senhor Jesus Cristo dera da verdadeira civilização. Para aí chegar, Ela tinha-se empregado primeiramente em reformar o coração do homem; daí viera a reforma da família, a família reformara o Estado e a sociedade: via inversa daquela que se quer seguir hoje. Sem dúvida, crer que, na ordem que acabamos de explanar, não tenha havido desordem, seria se enganar. O antigo espírito, o espírito do mundo, que Nosso Senhor havia anatematizado, jamais foi, jamais será completamente vencido e aniquilado. Sempre, mesmo nas melhores épocas, ainda quando a Igreja obteve na sociedade a maior ascendência, houve homens bons e homens maus; mas viam-se as famílias subir em razão de suas virtudes ou declinar em razão de seus vícios; viam-se os povos distinguir-se entre si por suas civilizações, e o grau de civilização prender-se às aspirações dominantes em cada nação: elas se elevavam quando essas aspirações depuravam e subiam; elas regrediam quando suas aspirações levavam-nas em direção ao gozo e ao egoísmo. Entretanto, ainda que acontecesse que nações, famílias, indivíduos se abandonassem aos instintos da natureza ou a eles resistissem, o ideal cristão permanecia sempre inflexivelmente mantido sob os olhos de todos pela Santa Igreja. O impulso imprimido à sociedade pelo cristianismo começou a diminuir, dissemos, no século XIII; a liturgia o percebe e os fatos o demonstram. Inicialmente houve a paralisação, depois o recuo. Esse recuo, ou melhor, essa nova orientação, foi logo tão manifesta que recebeu um nome, a RENASCENÇA, renascença do ponto de vista pagão na idéia da civilização. E com o recuo veio a decadência. “Tendo-se em conta todas as crises atravessadas, todos os abusos, todas as sombras no quadro, é impossível contestar que a história da França – a mesma observação vale para toda a república cristã – é uma ascensão, como história de uma nação, enquanto a influência moral da Igreja domina, e que ela se torna uma queda, apesar de tudo o que essa queda às vezes tem de brilhante e de épico, desde que os escritores, os sábios, os artistas e os filósofos substituíram a Igreja e a despojaram de seu domínio”. [12]

CAPÍTULO III: A RENASCENÇA, PONTO DE PARTIDA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA

Na sua admirável introdução à Vida de Santa Elisabete, Montalembert diz que o século XIII foi – pelo menos no que concerne ao passado – o apogeu da civilização cristã: “Talvez jamais a Esposa de Cristo tenha reinado com um império tão absoluto sobre o pensamento e sobre o coração dos povos... Então, mais do que em nenhum outro momento desse rude combate, o amor de seus filhos, sua dedicação sem limites, sua quantidade e sua coragem a cada dia crescentes, os santos que Ela via eclodir diariamente entre eles, ofereciam a essa Mãe imortal forças e consolações das quais Ela não foi cruelmente privada senão depois de muito tempo. Graças a Inocêncio III, que continua a obra de Gregório VII, a cristandade é uma vasta unidade política, um reino sem fronteira, habitado por múltiplas raças. Os senhores e os reis tinham aceitado a supremacia pontifícia. Foi preciso que viesse o

protestantismo para destruir essa obra”. Antes mesmo do protestantismo, um primeiro e rudíssimo golpe foi dado na sociedade cristã, a partir de 1308. O que constituía a força dessa sociedade era, como diz Montalembert, a reconhecida e respeitada autoridade do Soberano Pontífice, o chefe da cristandade, o regularizador da civilização cristã. Essa autoridade foi contraditada, insultada e quebrada pela violência e pela astúcia do rei Filipe IV, na perseguição a que ele submeteu o Papa Bonifácio VIII; ela também foi diminuída pela complacência de Clemente V relativamente a esse mesmo rei, que chegou até a mudar a sede do Papado para Avignon em 1305. Urbano VI não deveria voltar a Roma senão em 1378. Durante esse longo exílio, os Papas perderam uma boa parte de sua independência e seu prestígio encontrou-se singularmente enfraquecido. Quando retornaram a Roma, após setenta anos de ausência, tudo estava pronto para o grande cisma do Ocidente, que iria durar até 1416, e que por um momento decapitou o mundo cristão. Desde então, a força começou a avantajarse sobre o direito, como antes de Jesus Cristo. Viram-se as guerras retomar o caráter pagão de conquista e perder o caráter de libertação. A “filha primogênita”, que tinha esbofetado sua Mãe em Anagni, foi a primeira a sofrer as conseqüências de sua prevaricação: guerra dos Cem Anos, Crécy, Poitiers, Azincourt. Em nossos dias, para não falar do que precedeu, a ocupação de Roma, a ampliação da Prússia às custas de seus vizinhos, a impassibilidade da Europa diante do massacre dos cristãos pelos turcos, e a imolação de um povo à cobiça do império britânico, tudo isso é muito pagão. Pastor inicia com estas palavras sua História dos Papas na Idade Média: “Deixada de lado a época em que se operou a transformação da antiguidade pagã no cristianismo, não há talvez época mais memorável que o período de transição que liga a Idade Média aos tempos modernos. Esse período foi chamado de Renascença. “Ela se produziu numa época de moleza, de decadência quase geral da vida religiosa, período lamentável cujas características são, a partir do século XIV, o enfraquecimento da autoridade dos Papas, a invasão do espírito mundano no clero, a decadência da filosofia e da teologia escolástica, uma espantosa desordem na vida política e civil. Nessas circunstâncias se colocavam sob os olhos de uma geração intelectual e fisicamente sobreexcitada, doentia sob todos os aspectos, as deploráveis lições contidas na literatura antiga. “Sob a influência de uma admiração excessiva, poderíamos dizer doentia, pelos encantos dos escritores clássicos, arvorava-se francamente o estandarte do paganismo; os seguidores dessa reforma pretendiam modelar tudo exatamente como na antiguidade, os costumes e as idéias, restabelecer a preponderância do espírito pagão e destruir radicalmente o estado de coisas existente, considerado por eles como uma degenerescência. “A influência desastrosa exercida na moral pelo humanismo, fez-se igualmente sentir cedo e de maneira assustadora no domínio da religião. Os seguidores da Renascença pagã consideravam sua filosofia antiga e a fé da Igreja como dois mundos inteiramente distintos e sem nenhum ponto de contacto”. Eles queriam que o homem tivesse a felicidade na terra, que todas as suas forças, toda a sua atividade fossem empregadas para buscar a felicidade temporal; diziam que o dever da sociedade era de se organizar de tal maneira que ela conseguisse chegar a oferecer a cada um o que pudesse satisfazer-lhe todos os desejos e em todos os sentidos. Nada de mais oposto à doutrina e à moral cristãs. “Os antigos humanistas, diz com muita razão Jean Jansen[13], não tinham menos entusiasmo pela herança grandiosa legada pelos povos da antiguidade do que tiveram mais tarde seus sucessores. Antes destes, eles tinham visto no estudo da antiguidade um dos mais poderosos meios de educar com sucesso a inteligência humana. Mas no seu pensamento os clássicos gregos e latinos não deviam ser estudados com o objetivo de alcançar com eles e por eles o fim de toda educação. Eles entendiam dever colocá-los a serviço dos interesses cristãos; desejavam antes de mais nada

chegar, graças a eles, a uma compreensão mais profunda do cristianismo e à melhoria da vida moral. Mas pelos mesmos motivos os Padres da Igreja tinham recomendado e encorajado o estudo das línguas antigas. A luta não começou e não se tornou necessária senão quando os jovens humanistas rejeitaram toda a antiga ciência teológica e filosófica por serem bárbaras, pretenderam que toda noção científica se encontra contida unicamente nas obras dos antigos, entraram em luta aberta com a Igreja e o cristianismo, e muito freqüentemente lançaram um desafio à moral". A mesma observação vale para os artistas. "A Igreja, diz o mesmo historiador[14], colocara a arte a serviço de Deus, chamando os artistas para cooperarem na propagação do reino de Deus sobre a terra e convidando-os "a anunciar o Evangelho aos pobres". Os artistas, respondendo fielmente a esse apelo, não erguiam o belo sobre um altar para dele fazer um ídolo, adorado por si mesmo; eles trabalhavam "para a glória de Deus". Através de suas obras de arte eles desejavam despertar e aumentar nas almas o desejo e o amor dos bens celestes. Enquanto a arte conservou os princípios religiosos que a trouxeram à luz, manteve-se em constante progresso. Mas na medida em que se evanesceram a fidelidade e a solidez dos sentimentos religiosos, ela viu escapar-lhe a inspiração. Mais ela olhou para as divindades estrangeiras, mais ela quis ressuscitar e dar uma vida artificial ao paganismo, e mais também viu desaparecer sua força criadora, sua originalidade; ela caiu enfim numa secura e numa aridez completas".[15] Sob a influência desses intelectuais, a vida moderna tomou uma direção inteiramente nova, que foi o oposto da verdadeira civilização. Porque, como disse muito bem Lamartine: "Toda civilização que não vem da idéia de Deus é falsa. "Toda civilização que não tende à idéia de Deus é curta. "Toda civilização que não é penetrada da idéia de Deus é fria e vazia. "A última expressão de uma civilização perfeita é Deus melhor visto, melhor adorado, melhor servido pelos homens".[16] A mudança se operou primeiro nas almas. Muitos perderam a concepção segundo a qual todo o fim está em Deus, para adotar aquela que quer que tudo esteja no homem. "Ao homem decaído e resgatado, disse com muita propriedade Bériot, a Renascença opôs o homem nem decaído, nem resgatado, que se eleva à uma admirável altura pelas simples forças de sua razão e de seu livre arbítrio". O coração não mais serviu para amar a Deus, o espírito para conhecê-Lo, o corpo para servi-Lo, e mediante isso merecer a vida eterna. A noção superior que a Igreja tivera tanto cuidado em estabelecer, e que Lhe custara tanto tempo, se obliterou neste, naquele, nas multidões; como no tempo do paganismo, elas fizeram do prazer, do gozo, a finalidade da vida; elas procuraram os meios para obtê-los na riqueza, e para adquirir esta não se tiveram mais tanto em conta os direitos de outrem. Para os Estados, a civilização não foi mais a santidade de numerosos, e as instituições sociais meios ordenados para preparar as almas para o céu. Novamente eles encerraram a função da sociedade no tempo, sem atenção para as almas feitas para a eternidade. Naquela época, como hoje, deram a isso o nome de progresso! "Tudo nos anuncia, exclamava com entusiasmo Campanello, a renovação do mundo. Nada impede a liberdade do homem. Como se impediria a marcha e o progresso do gênero humano?" As novas invenções, a imprensa, a pólvora, o telescópio, a descoberta do Novo Mundo etc., vindo juntar-se ao estudo das obras da antiguidade, provocaram uma embriaguez de orgulho, que disse: a razão humana basta a si mesma para governar seus negócios na vida social e política. Não temos necessidade de uma autoridade que sustente ou corrija a razão. Assim foi derrubada a noção sobre a qual a sociedade tinha vivido e em razão da qual ela havia prosperado a partir de Nosso Senhor Jesus Cristo. A civilização renovada do paganismo agiu inicialmente sobre as almas isoladas, depois sobre a opinião pública, depois sobre os costumes e as instituições. Seus estragos manifestaram-se em primeiro lugar na ordem estética e intelectual: a arte, a literatura e a ciência retiraram-se pouco a pouco do

serviço da alma para se empenharem na animalidade: fato que conduziu para dentro da ordem moral e da ordem religiosa essa revolução que foi a Reforma. Da ordem religiosa o espírito da Renascença ganhou a ordem política e social com a Revolução. E ei-los que atacam a ordem econômica com o socialismo. É aí que a civilização pagã devia chegar, é aí que ela encontrará seu fim, ou nós o nosso; seu fim, se o cristianismo retomar o domínio sobre os povos apavorados ou, melhor dizendo, acobardados pelos males que o socialismo fará pesar sobre eles; o nosso, se o socialismo puder levar até o fim a experiência do dogma do livre gozo nesta terra e nos fizer sofrer todas as conseqüências. No entanto, isto não se fez e não continua sem resistência. Uma multidão de almas permaneceu e permanece hoje ligada ao ideal cristão, e a Igreja está sempre presente para mantê-lo e trabalhar pelo seu triunfo. Daí o conflito que, no seio da sociedade, dura mais de cinco séculos, e que hoje chegou ao estado agudo. A Renascença é, pois, o ponto de partida do estado atual da sociedade. Tudo quanto sofremos vem daí. Se queremos conhecer nosso mal e tirar desse conhecimento o remédio radical para a situação presente, é preciso remontar à Renascença.[17] E não obstante, os Papas a favoreceram, ela que foi o ponto de partida da civilização dita moderna! Impõe-se uma palavra de explicação. Os Padres da Igreja, dissemos, haviam recomendado o estudo das literaturas antigas, e isto por duas razões: eles encontravam nelas um excelente instrumento de cultura intelectual, e delas faziam um pedestal para a Revelação; assim, a razão é o suporte da fé. Fiéis a essa orientação, a Igreja, e em particular os monges, colocaram todos os seus cuidados em salvar do naufrágio da barbárie os autores antigos, em copiá-los, em estudá-los, e em fazê-los servir à demonstração da fé. Era, pois, inteiramente natural que, quando começou na Itália a renovação literária e artística, os Papas a ela se mostrassem favoráveis. Às vantagens acima assinaladas, eles viram acrescentarem-se outras, de um caráter mais imediatamente útil àquela época. Desde a metade do século XIII consecutivas tratativas tinham sido mantidas entre o Papado e o mundo grego para obter o retorno das Igrejas do Oriente à Igreja romana. De um lado e de outro enviavam-se embaixadas. O conhecimento do grego era necessário para argumentar contra os cismáticos e oferecer-lhes a luta no seu próprio terreno. A queda do império bizantino ensejou oportunidade para um novo e decisivo impulso desse gênero de estudos. Os sábios gregos, trazendo para o Ocidente os tesouros literários da antiguidade, excitaram um verdadeiro entusiasmo pelas letras pagãs, e esse entusiasmo não se manifestou em nenhum outro lugar tanto como entre as pessoas da Igreja. A imprensa veio a propósito para multiplicá-los e para tornar a aquisição infinitamente menos onerosa. Enfim, a invenção do telescópio e a descoberta do Novo Mundo abriam aos pensamentos os mais largos horizontes. Ainda aqui vemos os Papas, e primeiramente os de Avignon, com seu zelo em enviar missionários aos países longínquos, oferecerem um novo estímulo à fermentação dos espíritos, boa no seu princípio, mas da qual abusou o orgulho humano, como em nossos dias vemo-lo abusar dos progressos das ciências naturais. Os Papas, pois, foram levados, por toda sorte de circunstâncias providenciais, a chamar e a fixar perto deles os representantes renomados do movimento literário e artístico de que eram testemunhas. Disso fizeram um dever e uma honra. Prodigalizaram as encomendas, as pensões, as dignidades àqueles cujos talentos os elevavam acima dos outros. Infelizmente, com o olhar posto no objetivo que queriam alcançar, não tomaram suficiente cuidado com a qualidade das pessoas que assim encorajavam. Petrarca, que concordamos em chamar “o primeiro dos humanistas”, encontrou na corte de Avignon a mais alta proteção, e ali recebeu o cargo de secretário apostólico. Desde então se estabeleceu na corte pontifícia a tradição de reservar as altas funções de secretário apostólico aos escritores mais renomados, de maneira que esse colégio logo se tornou um dos focos mais ativos da

Renascença. Ali foram vistos santos religiosos, tais como o camaldulense Ambroise Traversari, mas infelizmente também grosseiros epicúrios como Pogge, Filelfe, o Arentino e muitos outros. Apesar da piedade, apesar mesmo da austeridade pessoal com que os Papas dessa época edificaram a Igreja[18], eles não souberam, em razão da atmosfera que os envolvia, defender-se de uma condescendência demasiadamente grande para com escritores que, apesar de estarem a serviço deles, logo se tornaram, por causa do declive ao qual se abandonaram, os inimigos da moral e da Igreja. Essa condescendência estendeu-se às próprias obras, se bem que, tudo somado, elas fossem a negação do cristianismo. Todos os erros que depois perverteram o mundo cristão, todos os atentados perpetrados contra as suas instituições, tiveram aí sua fonte; podemos dizer que tudo isto a que assistimos foi preparado pelos humanistas. Eles são os iniciadores da civilização moderna. Já Petrarca havia haurido no comércio da antiguidade sentimentos e idéias que teriam afligido a corte pontifícia, se esta tivesse medido as conseqüências. Ele, é verdade, sempre se inclinou diante da Igreja, de Sua hierarquia, de Seus dogmas, de Sua moral; mas não foi assim com os que o sucederam, e pode-se dizer que foi ele quem os colocou na via ruim na qual se embrenharam. Suas críticas contra o governo pontifício autorizaram Valla a minar o poder temporal dos Papas, a denunciá-los como inimigos de Roma e da Itália, a apresentá-los como os inimigos dos povos. Ele foi mesmo até à negação da autoridade espiritual dos Soberanos Pontífices na Igreja, recusando aos Papas o direito de se chamarem “vigários de Pedro”. Outros apelaram ao povo ou ao imperador para restabelecerem seja a república romana, seja a unidade italiana, seja um império universal: coisas essas que, todas, vemos nos dias atuais, tentadas (1848), realizadas (1870) ou apresentadas como o objetivo das aspirações da franco- maçonaria. Alberti preparou uma outra espécie de atentado, o mais característico da civilização contemporânea. Jurista e literato, compôs um tratado do Direito. Aí proclamava “que a Deus deve ser deixado o cuidado das coisas divinas, e que as coisas humanas são da competência do juiz”. Era, como observa Guiraud, proclamar o divórcio da sociedade civil e da sociedade religiosa; era abrir os caminhos àqueles que querem que os governos não persigam senão os fins temporais e permaneçam indiferentes aos espirituais, defendam os interesses materiais e deixem de lado as leis sobrenaturais da moral e da religião; era afirmar que os poderes terrestres são incompetentes ou devem ser indiferentes em matéria religiosa, que eles não têm que conhecer a Deus, que eles não têm que fazer observar Suas leis. Era, numa palavra, formular a grande heresia do tempo presente, e arruinar pela base a civilização dos séculos cristãos. O princípio proclamado por esse secretário apostólico encerrava o germe de todas as teorias que nossos modernos “defensores da sociedade laica” atribuem a si. Bastava deixar esse princípio se desenvolver para chegar a tudo que hoje testemunhamos com tristeza. Atacando assim a base da sociedade cristã, os humanistas derrubavam ao mesmo tempo no coração do homem a noção cristã do seu destino. “O céu, escrevia Collacio Salutati, nos seus *Travaux d'Hercule*, pertence de direito aos homens enérgicos que sustentaram grandes lutas ou realizaram grandes trabalhos sobre a terra”. Extraíram-se desse princípio as decorrentes conseqüências. O ideal antigo e naturalista, o ideal de Zenon, de Plutarco e de Epicuro, consistia em multiplicar ao infinito as energias de seu ser, desenvolvendo harmoniosamente as forças do espírito e as do corpo. Este tornou-se o ideal que os fiéis da Renascença adotaram, na sua conduta, assim como nos seus escritos, em substituição às aspirações sobrenaturais do cristianismo. Este foi, nos dias de hoje, o ideal que Friedrich Nietzsche levou ao extremo, gabando a força, a energia, o livre desenvolvimento de todas as paixões, que devem fazer o homem chegar a um estado superior àquele em que ele se encontra, que devem produzir o super-homem.[19] Para esses intelectuais, e para aqueles que

os escutaram, e para aqueles que até nossos dias fizeram-se seus discípulos, a ordem sobrenatural foi, mais ou menos completamente, posta de lado; a moral tornou-se a satisfação dada a todos os instintos; o gozo sob todas as formas foi o objeto de suas pretensões. A glorificação do prazer era o tema preferido das dissertações dos humanistas. Laurent Valla afirmava no seu tratado *De Voluptate* que “o prazer é o verdadeiro bem, e que não há outros bens fora do prazer”. Essa convicção levou-o, a ele e a muitos outros, a escrever em poesia as piores licenciosidades. Assim eram prostituídos os talentos que deveriam ter sido empregados em vivificar a literatura e a arte cristãs. Sob todos os aspectos ocorria o divórcio entre as tendências da Renascença e as tradições do cristianismo. Enquanto a Igreja continuava a pregar a decadência do homem, a afirmar sua fraqueza e a necessidade de um socorro divino para o cumprimento do dever, o humanismo tomava a dianteira relativamente a Jean-Jacques Rousseau para proclamar a bondade da natureza: ele deificava o homem. Enquanto a Igreja assinalava uma razão e um fim sobrenaturais para a vida humana, colocando em Deus o termo do nosso destino, o humanismo, repaganizado, limitava a este mundo e ao próprio homem o ideal da vida. Da Itália, o movimento ganhou as outras partes da Europa. Na Alemanha, o nome de Reuchlin foi, sem que esse sábio o soubesse, o grito de guerra de todos os que trabalharam para destruir as ordens religiosas, a escolástica e, no final das contas, a própria Igreja. Sem o escândalo que se fez ao seu redor, Lutero e seus discípulos jamais teriam ousado sonhar o que fizeram. Nos Países Baixos, Erasmo preparou, ele também, os caminhos da Reforma com seu *Elogio da Loucura*. Lutero nada fez além de proclamar bem alto e descaradamente executar o que Erasmo não cessara de insinuar. A França tinha igualmente se apressado em acolher em seu território as letras humanistas; elas não produziram aí, pelo menos na ordem das idéias, efeitos tão ruins. Não se passou da mesma forma com os costumes. “Desde que os costumes dos estrangeiros começaram a nos agradar – diz o grande chanceler de Vair, que presenciou aquilo sobre o que ele fala – os nossos se perverteram e se corromperam de tal maneira que podemos dizer: Há muito tempo não somos mais franceses”. Em nenhuma parte os chefes da sociedade tiveram suficiente clarividência para realizar a separação do que havia de são e do que havia de infinitamente perigoso no movimento de idéias, de sentimentos, de aspirações, que recebeu o nome de Renascença. De maneira que por toda a parte a admiração pela antiguidade pagã passou da forma ao fundo, das letras e das artes à civilização. E a civilização começou a se transformar para tornar-se o que ela é hoje, esperando ser como se apresentará amanhã. Deus, no entanto, não deixou Sua Igreja sem socorro nesta, como em nenhuma outra provação. Santos, entre outros São Bernardino de Siena, não cessaram de advertir e de mostrar o perigo. Eles não foram ouvidos. E foi por isso que a Renascença engendrou a Reforma e a Reforma a Revolução, cujo objetivo é aniquilar a civilização cristã para substituí-la em todo o universo pela civilização dita moderna.

CAPÍTULO IV: A REFORMA, FILHA DA RENASCENÇA

No seu livro *La Réforme en Allemagne et en France*, um antigo magistrado, o conde J. Boselli, conta que Paulin Paris, um dos sábios mais eruditos sobre a Idade Média e um dos que melhor a conheceram, disse um dia em sua presença a um interlocutor que se espantava da grande diferença entre a França moderna e aquela de outrora, “obscurecida pelas trevas da Idade Média”: “Desenganai-vos, a Idade Média não era tão diferente dos tempos modernos, como credes; as leis eram diferentes, assim como os usos e os costumes, mas as paixões humanas eram as mesmas. Se um de nós fosse transportado para a Idade Média veria ao seu redor trabalhadores, soldados, padres, economistas, desigualdades sociais, ambições, traições. O QUE MUDOU FOI O OBJETIVO DA ATIVIDADE HUMANA”. Não se poderia dizer de melhor maneira. Os homens da Idade Média eram da mesma natureza que a nossa, natureza inferior

à dos anjos e, ademais, decaída. Eles tinham nossas paixões, deixavam-se, como nós, arrastar por elas, freqüentemente a excessos mais violentos. Mas o objetivo era a vida eterna: os usos, as leis e os costumes inspiravam-se nela; as instituições religiosas e civis dirigiam os homens para seu fim último, e a atividade humana se dirigia, em primeiro lugar, à melhoria do homem interior. Hoje – e aí está o fruto, o produto da Renascença, da Reforma e da Revolução –, o ponto de vista mudou, o fim não é mais o mesmo; o que é desejado, o que é procurado, não pelos indivíduos isoladamente, mas pelo impulso dado à toda a atividade social, é a melhoria das condições da vida presente para chegar a um maior e mais universal gozo. O que conta como “progresso” não é o que contribui para uma maior perfeição moral do homem, mas o que aumenta seu domínio sobre a matéria e a natureza, a fim de colocá-las mais completa e docilmente a serviço do bem-estar temporal. Para alcançar esse bem-estar foram sucessivamente proclamadas a independência da razão relativamente à Revelação, a independência da sociedade civil relativamente à Igreja, a independência da moral relativamente à lei de Deus: três etapas na via do PROGRESSO perseguido pela Renascença, pela Reforma e pela Revolução. Não se deve crer que os humanistas, literatos e artistas, cujas aberrações vimos do tríplice ponto de vista intelectual, moral e religioso, não formassem senão pequenos cenáculos fechados, sem eco, sem ação no exterior. Inicialmente, os artistas falavam à vista de todos; e quando, para ficar apenas neste exemplo, Filarète tomou emprestada à mitologia a decoração das portas de bronze da basílica de São Pedro, ele certamente não edificou o povo que por ali passava. Ademais, era na corte dos príncipes que os humanistas tinham suas academias; era ali que compunham seus livros; era ali que espalhavam suas idéias, que estabeleciam seus costumes; e é sempre do alto que desce todo mal e todo bem, toda perversão assim como toda edificação. Não há, pois, motivo para espanto se a Reforma, que foi uma primeira tentativa de aplicação prática das novas idéias formuladas pelos humanistas, foi recebida e propagada com tanto ardor pelos príncipes na Alemanha e em outras partes e se ela encontrou no povo acolhimento tão fácil. A resistência foi muito fraca na Alemanha; foi mais vigorosa na França. O cristianismo tinha penetrado mais profundamente nas almas de nossos pais do que em qualquer outro lugar; combatido na sua teoria pelos humanistas, ele sobreviveu mais tempo na maneira de viver, de pensar e de sentir. Daí, entre nós, uma luta mais encarniçada e mais prolongada. Ela começou pelas guerras de religião, continuou na Revolução, ela dura sempre, como muito bem assinalou Waldeck-Rousseau. Através de meios diversos dos do início, continua sempre o conflito entre o espírito pagão, que quer renascer, e o espírito cristão, que quer se manter. Hoje, como desde o primeiro dia, um e outro querem triunfar sobre o adversário: o primeiro, pela violência que fecha as escolas livres, despoja e exila os religiosos e ameaça as igrejas; o segundo, pelo recurso a Deus e pela continuidade do ensino cristão por todos os meios que permanecem à sua disposição. As diversas peripécias desse longo drama mantêm em expectativa o céu, a terra e o inferno; porque se a França decidir-se por rejeitar o veneno revolucionário, ela restaurará no mundo inteiro a civilização que ela foi a primeira a compreender, a adotar e a propagar. Se ela sucumbir, o mundo terá tudo a temer. O protestantismo veio-nos da Alemanha e sobretudo de Genebra. Ele foi bem denominado. Era impossível qualificar a Reforma de Lutero com uma palavra diferente de protesto, porque ela é protesto contra a civilização cristã, protesto contra a Igreja que fundara essa civilização, protesto contra Deus, do qual essa civilização emanava. O protestantismo de Lutero é o eco sobre a terra do Non serviam de Lúcifer. Ele proclama a liberdade, a dos rebeldes, a de Satã: o liberalismo. Ele diz aos reis e aos príncipes: “Empregai vosso poder para sustentar e para fazer triunfar minha revolta contra a Igreja e eu vos entrego toda a autoridade religiosa”. [20] Tudo o que a Reforma tinha recebido

da Renascença e que ela devia transmitir à Revolução está contido nesta palavra: Protestantismo. Comunicado de indivíduo a indivíduo, o protestantismo logo ganhou província após província. O historiador alemão e protestante Ranke, diz qual foi seu grande meio de sedução: o desregramento moral, que a Renascença havia colocado em lugar de honra. “Muitas pessoas abraçaram a Reforma, diz ele, com a esperança de que ela lhes asseguraria uma maior liberdade na conduta privada”. Com efeito, existe entre o catolicismo e o protestantismo, tal como pregou Lutero, uma diferença radical sob esse aspecto. O catolicismo promete recompensas futuras para a virtude e ameaça o vício com castigos eternos; por aí, ele põe o mais poderoso freio às paixões humanas. A Reforma vinha prometer o paraíso a todo o homem, mesmo ao mais criminoso, com a única ressalva de um ato de fé interior para a justificação pessoal, por imputação dos méritos de Cristo. Se, pelo só efeito dessa persuasão, que é fácil de se conceder, os homens recebem a garantia de ir ao paraíso, mesmo continuando a se entregarem ao pecado, e mesmo ao crime, muito tolo seria aquele que renunciasse a obter aqui em baixo tudo o que encontra à sua disposição. A presença, num país profundamente católico, de pessoas que têm esses princípios e se esforçam em propagá-los devia já causar algum transtorno ao Estado; esse transtorno se tornou profundo quando o protestantismo não mais se contentou em pregar aos indivíduos a fé sem as obras, mas se sentiu suficientemente forte para querer se apoderar do reino a fim de arrancá-lo de suas tradições e de moldá-lo a seu modo. A partir de Clóvis, o catolicismo não tinha deixado um só dia de ser a religião do Estado. Das tradições carolíngias e merovíngias foi a única conservada completamente intacta até a Revolução. Durante meio século os protestantes tentaram separar de sua Mãe a filha primogênita da Igreja; usaram alternadamente a astúcia e a força para se apoderarem do governo, para colocar o povo francês tão católico sob o jugo dos reformadores, como acabavam de fazer na Alemanha, na Inglaterra, na Escandinávia. Estiveram prestes a conseguir. Após a morte de Francisco de Guise, os huguenotes eram senhores de todo o Midi. Não hesitaram, pois, para se assenhorearem do restante, em apelar aos alemães e aos ingleses, seus correligionários. Aos ingleses eles entregaram o Havre; aos alemães prometeram a administração dos bispados de Metz, Toul e Verdun.[21] Enfim, com a Rochelle, eles mesmos tinham criado materialmente um Estado dentro do Estado. Sua intenção era substituir a monarquia cristã por um governo e um gênero de vida “modelados segundo os de Genebra”, quer dizer, a república.[22] “Os huguenotes, diz Tavannes, estão a caminho de fundar uma democracia”. O plano para isso tinha sido traçado em Béarn, e os Estados do Languedoc reclamavam sua execução em 1573. O jurista protestante François Hatman exerceu sobre os espíritos, no sentido democrático, uma grande influência com seu livro Franco-Gallia, 1573. Ele coloca a serviço das teorias republicanas uma história à sua maneira, para conduzir, com grande reforço de textos e de afirmações, os franceses à “sua constituição primitiva”. “A soberana e principal administração do reino, dizia ele, pertence à geral e solene assembleia dos três Estados”. O rei reina, mas não governa. O Estado, a República é tudo, o rei quase nada. Ele joga seu leitores na plena soberania do povo. O Franco-Gallia teve uma repercussão enorme. Os panfletários huguenotes plagiaram-no, um melhor que o outro. O sistema exposto nesse livro é a democracia tal como compreendida hoje em dia. Essa forma de governo, dando aos agitadores fácil acesso aos primeiros cargos do Estado, propicia-lhes o poder para propagarem suas doutrinas; ao mesmo tempo, ela dá melhor resposta às idéias de independência que estavam no fundo da Reforma, ao direito que a Renascença queria conferir ao homem para que se dirigisse por ele mesmo em direção ao ideal de felicidade que ela lhe apresentava. A França, por causa dos huguenotes, estava à beira do abismo. A situação não era menos crítica para a Igreja Católica. Ela acabava de

perder a Alemanha, a Escandinávia, a Inglaterra e a Suíça; os Países Baixos se insurgiam contra Ela. A apostasia da França, se viesse a confirmar-se, devia causar no mundo inteiro o escândalo mais pernicioso e o mais profundo abalo: tanto mais que a Espanha deveria segui-la. O objetivo mais constante de todo o partido protestante, para o qual Coligny não cansou de trabalhar, era arrastar a França para uma liga geral com todos os Estados protestantes, para esmagar a Espanha, única grande nação católica que permaneceu poderosa. Isto teria sido a ruína completa da civilização cristã. Deus não o permitiu e a França também não. Os Valois fraquejavam, hesitavam, adotavam variações na sua política. A Liga nasceu para tomar em suas mãos a defesa da fé, para mantê-la na nação e no governo do país. Os católicos, que formavam agora a quase totalidade dos franceses[23], quiseram ter chefes absolutamente inquebrantáveis em sua fé. Escolheram a Casa de Guise. “Em qualquer apreciação que se faça sobre as guerras de religião, diz Boselli, é impossível desconhecer que a Casa de Guise foi, durante todo esse período, a própria encarnação da religião do Estado, do culto nacional e tradicional ao qual tantos franceses permaneciam unidos. Ela personificou a idéia da fidelidade católica. Os Guise provavelmente ter-se-iam tornado reis de França se Henrique III se tivesse feito protestante, ou se Henrique IV não se tivesse feito católico”. Deus quis conservar à França sua estirpe real, como Ele havia feito uma primeira vez pela missão dada a Joana d'Arc. O herdeiro do trono, segundo a lei sálica, era Henrique de Navarra, aluno de Coligny, protestante e chefe dos protestantes. Deus mudou seu coração. A França recobrou a paz, e Luís XIII e Luís XIV recolocaram nosso país no caminho da civilização católica. Digamos, entretanto, que esse último cometeu essa falta, que por si devia ter graves conseqüências, de desejar a declaração de 1682. Ela trazia nos seus flancos a constituição civil do clero, ela começava a obra, nefasta entre todas, da secularização que prossegue hoje até às suas últimas conseqüências. Luís XV, que se abandonou aos usos da Renascença, viu a obra de descristianização iniciada pela Reforma ser retomada por Voltaire e pelos enciclopedistas precursores de Robespierre, ancestrais daqueles que nos governam atualmente. Taine disse com muita propriedade: “A Reforma não é senão um movimento particular dentro de uma revolução que começou antes dela. O século XIV abre o caminho; e depois, cada século se ocupa apenas a preparar, na ordem das idéias, novas concepções, e, na ordem prática, novas instituições. Desde aquele tempo, a sociedade não mais reencontrou seu guia na Igreja, nem a Igreja Sua imagem na sociedade”. [24]CAPÍTULO V: A REVOLUÇÃO INSTITUIO NATURALISMOO protestantismo fracassara; a França, após as guerras de religião, se mantivera católica. Mas um mau fermento fora depositado em seu seio. Sua fermentação produziu, além da corrupção dos costumes, três tóxicos de ordem intelectual: o galicanismo, o jansenismo e o filosofismo. A ação desses elementos sobre o organismo social acarretou a Revolução, segundo e muito mais terrível assalto contra a civilização cristã. Como a conclusão deste livro demonstrará, todo o movimento imprimido à cristandade pela Renascença, pela Reforma e pela Revolução é um esforço satânico para arrancar o homem da ordem sobrenatural estabelecida por Deus na origem e restaurada por Nosso Senhor Jesus Cristo, e confiná-lo no naturalismo. Como tudo era cristão na constituição francesa, tudo estava por ser destruído. A Revolução empenhou-se conscienciosamente nisso. Em alguns meses ela fez tábula rasa do governo da França, de suas leis e de suas instituições. Ela queria “moldar um povo novo”: é a expressão que se encontra, em cada página, sob a pena dos relatores da Convenção; mais ainda: “refazer o próprio homem”. Assim, os convencionais, de conformidade com a concepção que a Renascença dera aos destinos humanos, não limitaram sua ambição à França; quiseram inocular a loucura revolucionária nos povos vizinhos, em todo o universo. Sua ambição consistia em derrubar o edifício social para

reconstruí-lo. “A Revolução – dizia Thuriot na Assembléia Legislativa em 1792 – não é somente para a França; nós somos responsáveis perante a humanidade”. Siéyès dissera antes dele, em 1788: “Alcemo- nos bruscamente à ambição de querer, nós mesmos, servir de exemplo às nações”. [25] E Barrère, no momento em que os Estados-Gerais se reuniam em Versalhes: “Vós sois, disse ele, chamados a recomeçar a história”. Vê-se o caminho que a idéia da Renascença trilhou; o quanto ela se mostrava mais aperfeiçoada no seu desenvolvimento e mais audaciosa no seu empreendimento por ocasião da Revolução, do que ela tinha parecido, dois séculos antes, por ocasião da Reforma. No seu número de abril de 1896, o *Le Monde maçônico* dizia: “Quando aquilo que foi olhado durante muito tempo como um ideal se realiza, os horizontes mais largos de um novo ideal oferecem à atividade humana, sempre em marcha em direção a um futuro melhor, novos campos de exploração, novas conquistas a realizar, novas esperanças a perseguir”. Isto é verdadeiro no caminho do bem. Como diz o Salmista, o justo dispôs degraus em seu coração para se elevar até à perfeição que ele ambiciona. [26] Isto é igualmente verdadeiro relativamente ao mal. Os homens da Renascença não dirigiram seus olhares — pelo menos nem todos — tão longe quanto os da Reforma. Os homens da Reforma foram ultrapassados pelos da Revolução. A Renascença tinha deslocado o lugar da felicidade e mudado suas condições: ela havia declarado que via esse lugar neste mundo inferior. A autoridade religiosa permanecia para afirmar: “Vós vos enganais; a felicidade está no Céu”. A Reforma afastou a autoridade, mas manteve o livro das Revelações divinas, que conservava a mesma linguagem. O Filosofismo negou que Deus tivesse algum dia falado aos homens, e a Revolução se esforçou em negar Seus testemunhos de sangue, a fim de poder estabelecer livremente o culto da natureza. O *Journal des Débats*, em um de seus números de abril de 1852, reconhecia essa filiação: “Nós somos revolucionários; mas somos filhos da Renascença e da filosofia antes de sermos filhos da Revolução”. É inútil que nos estendamos longamente sobre a obra empreendida pela Revolução. O Papa Pio IX caracterizou-a em uma palavra, na Encíclica de 8 de dezembro de 1849: “A Revolução é inspirada pelo próprio Satã; seu objetivo é destruir, dos fundamentos à cúpula, o edifício do cristianismo e reconstruir sobre suas ruínas a ordem social do paganismo”. Ela destruiu primeiramente a ordem eclesiástica. “Durante cento e vinte anos e mais, segundo a expressão enérgica de Taine, o clero trabalhara para a construção da sociedade, como arquiteto e como pedreiro, inicialmente sozinho, depois quase sozinho”; puseram-no na impossibilidade de continuar essa obra, pretendeu-se pô-lo na impossibilidade de jamais retomá-la. Em seguida suprimiu-se a realeza, o elo vivo e perpétuo da unidade nacional, a repressora de tudo quanto pretendia atingir essa unidade. Desembaraçaram-se da nobreza, guardiã das tradições, e das corporações de trabalhadores, estas também conservadoras do passado. Depois, tendo sido afastadas todas estas sentinelas, puseram mãos à obra, muitos para destruir, o que era fácil, poucos para reedificar, o que era menos fácil. Não queremos traçar aqui o quadro dessas ruínas e dessas construções. Dizemos somente que, no que concerne ao edifício político, a revolução apressou-se em proclamar a República, que a Renascença sonhara para a própria Roma, com a qual os protestantes tinham desejado substituir a monarquia francesa, e que hoje realiza tão bem as obras da franco-maçomaria. Discípulos de Jean J. Rousseau, os convencionais de 1792 deram como fundamento do novo edifício o princípio segundo o qual o homem é bom por natureza; em cima, levantaram a trilogia maçônica: liberdade, igualdade, fraternidade. Liberdade para todos e para tudo, posto que no homem só há bons instintos; igualdade, porque, igualmente bons, os homens têm direitos iguais em tudo; fraternidade, ou ruptura de todas as barreiras entre indivíduos, famílias, nações, para deixar o gênero humano se abraçar numa República universal. Em matéria de religião, organizou-se o culto da

natureza. Os humanistas da Renascença tinha-na chamado com seus desejos. Os protestantes não tinham ousado empurrar a Reforma até esse ponto. Nossos revolucionários o tentaram. Eles não chegaram de uma só vez a esse excesso. Eles começaram por convidar o clero católico para suas festas. Talleyrand presidiu, em 14 de julho de 1790, a grande Festa da Federação, rodeado por 40 capelães da guarda nacional, que sobre suas alvas portavam faixas tricolores, com uma orquestra de 1.800 músicos, na presença de 25.000 deputados e de 400.000 espectadores. Mas logo ele não quis nem mesmo essas exhibições, mais “patrióticas” que religiosas: “Não convém, dizia, que a religião compareça a festas públicas, é mais religioso afastar-se delas”. Posto de lado o culto nacional, era preciso procurar um outro. Mirabeau propôs um, muito abstrato: “O objeto de nossas festas nacionais, disse, deve ser somente o culto da liberdade e o culto da lei”. Isto pareceu pouco. Boissy-d’Anglas lamentou em alta voz o tempo em que “as instituições políticas e religiosas” prestavam mútuo socorro, em que “uma religião brilhante” se apresentava com dogmas que prometiam “o prazer e a felicidade”, ornada com todas as cerimônias que tocam os sentidos, com as ficções mais risíveis, com as mais suaves ilusões. Seus desejos não tardaram em ser atendidos. Uma religião foi fundada, tendo seus dogmas, seus padres, seus domingos, seus santos. Deus foi substituído pelo Ser supremo e pela deusa Razão, o culto católico pelo culto da Natureza.[27] É o que deseja atualmente a Aliança Israelita Universal, é para isso que ela trabalha, é o que ela tem a missão de estabelecer no mundo, apenas com menos precipitação e com mais astúcia. Nada poderia melhor convir às aspirações dos humanistas da Renascença. Na festa de 19 de agosto de 1793, uma estátua da Natureza foi levantada na praça da Bastilha, e o presidente da Convenção, Héroult de Séchelles, endereçou-lhe esta homenagem em nome da França oficial: “Ó Natureza, soberana dos selvagens e das nações esclarecidas, este povo imenso, reunido desde os primeiros clarões do dia diante de tua imagem, é digno de ti. Ele é livre; foi no teu seio, foi nas tuas fontes sagradas, que ele recobrou seus direitos, que ele se regenerou. Após ter atravessado tantos séculos de erros e de servidão, era preciso reentrar na simplicidade de tuas vias para reencontrar a liberdade e a igualdade. Natureza, recebe a expressão da afeição eterna dos franceses por tuas leis!” A ata do evento acrescenta: “Em seguida a essa espécie de hino, única oração, desde os primeiros séculos do gênero humano, endereçada à Natureza pelos representantes de uma nação e por seus legisladores, o presidente encheu uma taça, de forma antiga, com água que corria do seio da Natureza: com ela fez libações ao redor da Natureza, bebeu um pouco da taça e a apresentou aos enviados do povo francês”. Como se vê, o culto é completo: oração, sacrifício, comunhão. Com o culto, as instituições. “É pelas instituições, escrevia o ministro de polícia Duval, que se compõem a opinião e a moralidade dos povos”. [28] Entre essas instituições, aquela considerada mais necessária para fazer o povo esquecer seus antigos hábitos religiosos e fazê-lo adquirir novos foi o Décadi ou domingo civil. Assim, foi a essa criação que a República dispensou a maior parte de seus decretos e esforços. Ao Décadi vieram juntar-se festas anuais: festas políticas, festas civis, festas morais. As festas políticas tinham por finalidade, segundo Chénier, “consagrar as épocas imortais em que as diferentes tiranias foram aniquiladas pelo arrebatamento nacional, pelos grandes passos da razão que abrem a Europa e vão tocar as fronteiras do mundo”. [29] A festa republicana por excelência era a de 21 de janeiro, porque então se celebrava “o aniversário da justa punição do último rei dos franceses”. Havia também a festa da fundação da República, fixada para o dia 1º. do vendemiário [30]. A grande festa nacional, ressuscitada em nossos dias, era a da federação ou do juramento, fixada para 14 de julho. Relativamente à moral, havia a festa da juventude, as do casamento, da maternidade, dos anciãos e sobretudo as dos direitos do homem. Muitas outras festas foram, se não

instituídas e celebradas, pelo menos decretadas ou propostas. Como coroamento foi inventado um calendário republicano inteiramente baseado na agricultura. Era uma consagração solene do novo culto, o culto da Natureza. Tal foi o resultado fatal das idéias que a Renascença tinha semeado nos espíritos. A Reforma havia ensaiado uma realização tímida, imperfeita: contentara-se em corromper o cristianismo; a Revolução o aniquilou tanto quanto dependia dela, e sobre suas ruínas edificou altares à Razão e à Volúpia. Sabemos para onde conduziu o naturalismo que, no pensamento de seus promotores, devia exaltar a dignidade do homem. Barbé-Marbois, em seu relatório ao Conselho dos Anciãos, denunciava a juventude escolar como “ultrapassando em seus excessos todos os limites, e até aqueles que a própria natureza parece ter fixado para as desordens da infância”. E, na outra extremidade da vida, todos os documentos da época mostram-nos os mortos entregues a “coveiros impuros”, as famílias que se habituam a “considerar os restos de um marido, de um pai, de um filho, de um irmão, de uma irmã, de um amigo, como aqueles de qualquer outro animal dos quais nos livramos”. Em 1800, o cidadão Cambry, encarregado pela administração central do Sena para fazer um relatório sobre o estado das sepulturas em Paris, acreditou não poder publicá-lo senão em latim, tanto havia de vergonhoso nesses funerais bárbaros. Frequentemente os corpos eram dados como comida aos animais. Todos os que tinham conservado alguma honestidade se espantavam com a desordem dos costumes chegada assim ao cúmulo. Com a ruína dos costumes e a abolição do culto cristão tinham chegado a bancarrota e a miséria. Tal foi a manifestação da civilização moderna em seu primeiro ensaio. Aquele ao qual estamos entregues atualmente não terá um fim melhor. Ruína, miséria, desordem moral não podiam durar e se agravar para sempre. O clamor público reclamava o restabelecimento do culto católico. Ele jamais deixara de ser praticado, ainda que com risco de vida: padres tinham permanecido no meio das populações, as quais se expunham a todos os perigos para favorecer o exercício do santo ministério. Em 1800 a obra da restauração se impunha, todas as criações destinadas a substituir o cristianismo tinham caído num descrédito absoluto e universal. Os Conselhos Gerais eram unânimes em reconhecer e declarar essa realidade.[31]

Napoleão chegou. Se ele restabeleceu, de comum acordo com Pio VII, a Igreja na França, ele também tomou medidas — através dos artigos orgânicos, da instituição da Universidade, do Código Civil etc. — para que a civilização cristã não pudesse retomar seu completo domínio sobre as almas e não fosse restaurada nas instituições. Ele não fez, como se disse muito bem, senão represar a Revolução. A Revolução pôde pois retomar seu curso com uma espécie de regularidade que vai ser mantida até que seja chegado o momento de uma desordem completa e dessa vez definitiva, como ela crê, da civilização cristã e de tudo o que foi edificado em nome de Cristo, para estabelecer sobre as ruínas da ordem sobrenatural o reino do naturalismo, a deificação do homem.

CAPÍTULO VI: A REVOLUÇÃO, UMA DAS ÉPOCAS DO MUNDO

No início do século XIX podia-se acreditar que a Revolução Francesa fora principalmente uma revolução política e que, terminada essa revolução, a sociedade iria readquirir sua estabilidade. Hoje não se pode mais ter essa ilusão, mesmo que se considere a Revolução apenas no seu primeiro período. Como disse Brunetière: “A grandeza dos acontecimentos [da Revolução Francesa] transborda e ultrapassa em todos os sentidos a mediocridade daqueles que crêem ser ou que cremos serem seus autores. É prodigiosa a desproporção entre a obra e os operários. Uma corrente mais forte do que eles os arrasta, os carrega, fá-los rolar, quebra-os... e continua a correr”. Assim que o duque de Rochefoucault-Liancourt acordou Luís XVI para anunciar-lhe a queda da Bastilha, o rei perguntou: “Então isso é uma revolta?” O duque respondeu: “Não, sire, é uma revolução”. Ele não disse o bastante; não era uma revolução, mas A REVOLUÇÃO que surgia. O que aparece à primeira vista na

Revolução, o que de Maistre viu nela e assinalou desde o dia em que se pôs a considerá-la, e o que nós vemos no presente momento com mais evidência ainda, é o ANTICRISTIANISMO. A Revolução consiste essencialmente na revolta contra Cristo, e mesmo na revolta contra Deus, mais ainda, na negação de Deus. Seu objetivo supremo é subtrair o homem e a sociedade ao sobrenatural. A palavra LIBERDADE, na boca da Revolução, não tem outro significado: liberdade para a natureza humana ser dela, como Satã quis se pertencer, e isto, como explicaremos mais adiante, por instigação de Lúcifer, que quer recobrar a supremacia que a superioridade de sua natureza lhe dava sobre a natureza humana, e da qual foi despojado pela elevação do cristão à ordem sobrenatural. E é por isso que J. de Maistre justissimamente caracterizou a Revolução com essa palavra: “satânica”. “Sem dúvida, a Revolução Francesa percorreu um período cujos momentos, todos, não são semelhantes entre si; no entanto, seu caráter geral não variou, e mesmo no seu berço ela provou o que ela devia ser”. “Há na Revolução um caráter satânico que a distingue de tudo o que já se viu e talvez de tudo o que se verá. Ela é satânica na sua essência”. [32] Em 1849, Pio IX disse — nós já lembramos essas palavras — com mais autoridade ainda: “A Revolução é inspirada pelo próprio Satã; seu objetivo é destruir da base ao topo o edifício do cristianismo, e reconstruir sobre suas ruínas a ordem social do paganismo”. Após nossos desastres de 1870-1871, Saint-Bonnet dizia: “A França trabalha há um século para afastar de todas as suas instituições Aquele a quem ela deve Tolbiac, Poitiers, Bouvines e Denanin, quer dizer, Aquele ao qual ela deve seu território, sua existência! Para mostrar todo seu ódio contra Ele, para fazer-Lhe a injúria de expulsá-Lo para fora das muralhas de nossas cidades, a seita estimula, desde 1830, uma imprensa odiosa a aguardar impacientemente a época da festa desse “Cristo que ama os Francos”, d’Aquele que se fez “Homem para salvar o homem, que se fez Pão para alimentá-lo!” E conclui: “E a França indaga qual a causa de suas infelicidades”. Ao ódio contra Cristo, que não se teria crido possível no seio do cristianismo, junta-se a revolta contra Deus. [33] Há razões para crer que uma tal revolta contra Deus não pôde ter ocorrido nem mesmo no ardor do grande combate entre Lúcifer e o arcanjo São Miguel. É preciso ter o espírito limitado do homem para se levantar contra o Infinito. É preciso também corrupção e extrema baixaza do coração. O que não se via, vê-se hoje. “A Revolução é a luta entre o homem e Deus; quer ser o triunfo do homem sobre Deus”. Eis o que declaram os que dizem que no momento atual trata-se de saber quem vencerá: a Revolução ou a Contra-Revolução. Assim, Saint-Bonnet não diz nada de mais, não diz talvez bastante, quando afirma que “o tempo presente não pode ser comparado senão àquele da revolta dos anjos”. E conseqüentemente, de Maistre, Bonald, Donoso-Cortés, Blanc de Saint-Bonnet e outros concordam em afirmar: “O mundo não pode permanecer como está”. Ou ele chega ao fim, no ódio que o Anticristo tornará mais generalizado e mais violento contra Deus e Seu Cristo; ou ele se encontra na véspera da maior misericórdia que Deus possa ter exercido nesse mundo, afora o Ato Redentor. Eis aí o estado em que nos encontramos, aquele que a Revolução criou, aquele que não deixou de existir desde os primeiros dias da Revolução, sob o império da qual nós sempre estamos. Em 1796, dois anos após a queda de Robespierre, J. de Maistre escrevia: “A revolução não terminou, nada lhe pressagia o fim. Ela já produziu grandes infelicidades, ela anuncia ainda maiores”. [34] Na véspera do dia em que parecia aos espíritos superficiais que a sagração de Napoleão ia tornar estável a nova ordem de coisas, ele escrevia a de Rossi (3 de novembro de 1804): “Estariamos tentados a crer que tudo está perdido, mas acontecerão coisas pelas quais ninguém espera... Tudo anuncia uma convulsão geral do mundo político”. [35] No apogeu da epopéia napoleônica: “Jamais o universo viu nada igual! O que devemos ver ainda? Ah! como estamos longe do último ato ou da última cena dessa pavorosa tragédia!” “Nada anuncia o fim

das catástrofes, e tudo, ao contrário, anuncia que elas devem perdurar”.[36]Foi em 1806 que ele formulou esse prognóstico. No ano seguinte, ele convidava de Rossi a fazer com ele esta observação:“Quantas vezes, desde a origem desta terrível Revolução, tivemos todas as razões do mundo para dizer: Acta est fabula? E no entanto a peça sempre continua... Tanto isso é verdadeiro que a sabedoria consiste em saber encarar com olhar firme esta época como o que ela é, quer dizer, UMA DAS MAIORES ÉPOCAS DO UNIVERSO; desde a invasão dos bárbaros e da renovação da sociedade na Europa, nada de igual se passou no mundo; é preciso tempo para semelhantes operações, e repugna-me acreditar que o mal não possa ter fim, ou que ele possa terminar amanhã... Estando o mundo político absolutamente transtornado, até nos seus fundamentos, nem a geração atual, nem provavelmente aquela que a sucederá, poderá ver o cumprimento de tudo o que se prepara... Nós teremos essa situação talvez por dois séculos... Quando penso em tudo o que ainda deve acontecer na Europa e no mundo, parece-me que a Revolução começa”.[37]Vem a restauração dos Bourbons. Ele jamais deixara de anunciar, com uma imperturbável segurança, apesar da chegada do Império, da sagração de Bonaparte e da marcha constantemente triunfante de Napoleão através da Europa, que o rei retornaria. Sua profecia se realiza; ele revê os Bourbons sobre o trono de seus pais e diz:“Um certo não-sei-o-quê, anuncia que NADA acabou”.“O cúmulo da infelicidade para os franceses seria acreditar que a Revolução terminou e que a coluna foi recolocada porque foi reerguida. Deveis acreditar, ao contrário, que o espírito revolucionário é sem comparação mais forte e mais perigoso do que era há alguns anos. Que pode o rei quando a inteligência de seu povo está apagada?”[38]“Nada é estável ainda, e vêem-se de todos os lados sementes de infelicidade”.[39]“O estado atual da Europa (1819) causa horror; o da França, particularmente, é inconcebível. A Revolução está de pé sem dúvida, e não somente está de pé, mas ela caminha, corre, se precipita. A única diferença que percebo entre esta época e aquela do grande Robespierre, é que então as cabeças caíam e que hoje elas viram. É infinitamente provável que os franceses nos propiciem ainda uma tragédia”.[40]Essa nova tragédia não se anuncia próxima?O que dava a Joseph de Maistre essa segurança de visão é que ele tinha sabido dirigir seu olhar por cima dos fatos revolucionários dos quais era testemunha, até suas causas primeiras.“Desde a época da Reforma, dizia, e mesmo depois daquela de Wiclef, existiu na Europa um certo espírito terrível e invariável que tem trabalhado sem descanso para derrubar as monarquias européias e o cristianismo... Nesse espírito destruidor têm vindo se enxertar todos os sistemas antisociais e anticristãos que apareceram em nossos dias: calvinismo, jansenismo, filosofismo, iluminismo etc. (acrescentemos: liberalismo, internacionalismo, modernismo); tudo isso não forma senão um todo e não deve ser considerado senão como uma única seita que jurou a destruição do cristianismo e de todos os tronos cristãos, mas sobretudo e antes de tudo a destruição da casa de Bourbon e da Sé de Roma”.[41]Não somente de Maistre via a Revolução ter, no tempo, uma estabilidade que se estende por quatro séculos, mas ele a via, no espaço, atingir todos os povos.No cabeçalho de um memorial endereçado em 1809 a seu soberano, Victor-Emanuel I, ele dizia:“Se há alguma coisa evidente, é a imensa base da Revolução atual, que não tem outras fronteiras que não o mundo”.[42]“As coisas se conjugam para uma confusão geral do globo”.“É uma época, uma das maiores épocas do universo”, dizia sem cessar, vendo na Revolução tão grandes preliminares e uma tão grande superfície. E acrescentava: “Infelizes as gerações que assistem às épocas do mundo!”[43]“A Revolução Francesa é uma grande época, e suas conseqüências de todos os gêneros serão sentidas muito além do tempo de sua explosão e dos limites de seu centro.”[44]“Quanto mais eu examino o que sucede, mais me persuado de que assistimos à uma das maiores épocas do

gênero humano”.[45]“O mundo está num estado de parto”.Estado de parto, é exatamente isto que faz com que um tempo seja uma época. Houve a época do dilúvio, que deu à luz a nova geração dos homens; a época de Moisés, que concebeu o povo precursor; a época de Cristo, que deu à luz o povo cristão.A época da Revolução, é a época do mais agudo antagonismo entre a civilização cristã e a civilização pagã, entre o naturalismo e o sobrenatural, entre Cristo e Satã.Qual será o resultado dessa luta? Lúcifer e os seus pensam em triunfar. Os judeus dizem que a vinda de seu Messias, que o reino do Anticristo está próximo, e que esse reino abrirá, em proveito deles, a maior época do mundo.Nós esperamos que nossos leitores, após terem lido este livro, compartilhem conosco a convicção exatamente oposta. A derrota da Revolução inaugurará o reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre o gênero humano, formando um só rebanho sob um só Pastor.CAPÍTULO VII:O QUE FAZ E DIZA REVOLUÇÃO NOS DIAS ATUAISNo discurso que pronunciou em 28 de outubro de 1900 em Toulouse, como introdução à discussão da lei sobre as associações religiosas, Waldeck-Rousseau colocou nestes termos a questão que, naquele momento, mantinha a França em suspenso e o mundo atento ao que se passava entre nós.“Neste país, em que a unidade moral construiu, através dos séculos, a força e a grandeza, duas juventudes, menos separadas por suas condições sociais do que pela educação que recebem, crescem sem se conhecer, até o dia em que elas se reencontrarão, tão dessemelhantes que estarão sujeitas a não mais se compreender. Pouco a pouco se preparam, assim, duas sociedades diferentes – uma cada vez mais democrática, levada pela larga corrente da Revolução, a outra cada vez mais imbuída de doutrinas que se acreditava não terem sobrevivido ao grande movimento do século XVIII – e destinadas um dia a se chocar”.O fato observado nessas linhas por Waldeck-Rousseau é real. Há, com efeito, não somente duas juventudes, mas duas sociedades na nossa França. Elas não aguardam o futuro para se chocar, elas se enfrentam e faz muito tempo. Essa divisão do país contra ele mesmo remonta além da época assinalada por Waldeck-Rousseau, além do século XVIII. Ela é notada já no século XVI, nos longos esforços que os protestantes fizeram para constituir uma nação dentro da nação.Para reencontrar a unidade moral que construiu, através dos séculos, a força e a grandeza de nossa pátria, coisa que Waldeck-Rousseau lamenta, é preciso transportar-se mais longe ainda. Foi a Renascença que começou a fazer a divisão das idéias e dos costumes, que permaneceram cristãos entre uns e retornaram ao paganismo entre outros. Mas após mais de quatro séculos, o espírito da Renascença ainda não pôde triunfar sobre o espírito do cristianismo e refazer, em sentido oposto, a unidade moral do país. Nem as violências, nem as perfídias e as traições da Reforma; nem a corrupção dos espíritos e dos costumes empreendida pelo Filosofismo; nem os confiscos, os exílios, os massacres da Revolução, não puderam ter razão contra as doutrinas e as virtudes com as quais o cristianismo embebeu a alma francesa durante quatorze séculos. Napoleão viu esse espírito de pé sobre as ruínas acumuladas pelo Terror, e não encontrou nada melhor do que deixá-lo viver, recusando-lhe, todavia, os meios de restaurar plenamente a civilização cristã. Daí o conflito com as alterações diversas, entretido, como nota Waldeck-Rousseau, não tanto pela diversidade das classes sociais quanto pela presença das duas educações: a educação universitária fundada por Napoleão, e a educação cristã que se manteve nas famílias, na igreja, e, por conseguinte, no ensino livre.Assim, pois, a Igreja está sempre presente, continuando a dizer que a verdadeira civilização é aquela que dá resposta à verdadeira condição do homem, aos destinos que seu Criador lhe traçou e àqueles que seu Redentor tornou possíveis; e que, conseqüentemente, a sociedade deve ser constituída e governada de tal maneira que favoreça os esforços dirigidos para a santidade.E a Revolução também está sempre presente, dizendo que o homem tem apenas um fim

terreno, que a inteligência lhe foi dada para satisfazer seus apetites; e que, por conseqüência, a sociedade deve ser organizada de tal maneira que consiga oferecer a todos a maior soma possível de satisfações mundanas e carnis. Aí não há somente divisão, mas conflito; conflito patente após a Renascença, conflito surdo desde as origens do cristianismo; porque, a partir do dia em que a Igreja se esforçou em estabelecer e propagar a verdadeira civilização, ela encontrou diante de si os maus instintos da natureza humana para lhe resistir. “É preciso acabar com isso de uma vez por todas, dissera Raoul Rigault ao conduzir os reféns ao muro de execuções; faz cento e dezoito anos que isso dura, é tempo de acabar com isso”. É preciso acabar de vez com isso! Foi essa a palavra do Terror, foi essa a palavra da Comuna. É a palavra de Waldeck-Rousseau. As duas juventudes, as duas sociedades devem se chocar num conflito supremo; uma, levada pela larga corrente da Revolução, a outra sustentada e empurrada pelo sopro do Espírito Santo ao encontro das ondas revolucionárias. É preciso que uma triunfe sobre a outra. Instruída pela experiência, a seita da qual Waldeck-Rousseau se fez mandatário, emprega, para chegar a seus fins, meios menos sanguinários do que em 93, porque ela acredita serem mais eficazes. O primeiro desses meios foi a abolição das congregações religiosas. Waldeck-Rousseau, no discurso de Toulouse, expôs nestes termos a razão da prioridade a dar à lei que as fazia desaparecer: “Semelhante fato (a coexistência de duas juventudes, de duas sociedades) não se explica pelo jogo das opiniões: ele supõe um substratum de influências outrora mais escondidas e hoje mais visíveis, um poder que nem mesmo é oculto, e a constituição no Estado de uma potência rival”. Esse substratum de influências, essa potência rival, que Waldeck-Rousseau assim denunciava, ele pretendia encontrá-las nas congregações religiosas. “Aí está, continuou ele, uma situação intolerável e que todas as medidas administrativas foram impotentes para fazer desaparecer. Todo esforço será vão, durante todo o tempo em que uma legislação racional, eficaz, não tiver substituído uma legislação a um só tempo ilógica, arbitrária e inoperante”. Waldeck-Rousseau proporcionou-nos essa legislação eficaz, de comum acordo com o Parlamento. Ela tinha sido longamente estudada, sabiamente preparada nas lojas para o efeito a ser alcançado; ela foi votada e promulgada em todos os pontos, sem obstáculo, e mais tarde aperfeiçoada por resoluções, decretos e medidas que parecem não mais deixar na França nenhum refúgio para a vida monástica e, logo, para o ensino religioso. No entanto, a supressão das congregações não põe fim ao conflito. Waldeck não o ignorava. Assim, tivera o cuidado de dizer que “a lei das associações é apenas um ponto de partida”. De fato. Suponhamos que todas as congregações desapareçam, sem esperança de ressurreição: seria ingênuo crer que a idéia cristã desapareceria com elas. Atrás de seus batalhões se encontra a Santa Igreja Católica. E é a Igreja quem diz, não somente aos congregacionistas, mas a todos os cristãos e a todos os homens: “Vosso fim último não está aqui em baixo; aspirai a mais alto”. É ela que se encontra, para falar como Waldeck-Rousseau, esse substratum de influências que não deixou de agir há mais de dezoito séculos. É ela que seria preciso destruir para matar a idéia[46]. Waldeck-Rousseau sabe disso, e foi por isso que apresentou sua lei como sendo somente um ponto de partida. “A lei sobre as associações é, a nosso ver, o ponto de partida da maior e da mais livre evolução social, e também a garantia indispensável das prerrogativas mais necessárias da sociedade moderna”. Uma EVOLUÇÃO SOCIAL, eis aí, segundo o desejo do próprio Waldeck-Rousseau, o que é preparado pela lei que ele se propusera então apresentar à sanção do Parlamento, e que atualmente está em vigor. A evolução social desejada, perseguida, é, veremos em toda a seqüência desta obra, a saída, sem esperança de retorno, das vias da civilização cristã, e a marcha para frente nas vias da civilização pagã. Como pode a destruição das congregações religiosas ser o “ponto de partida”? Ah! é que a só presença

dos religiosos no meio do povo cristão é um sermão contínuo, que não o deixa perder de vista o fim último do homem, a finalidade principal da sociedade e o caráter que deve ter a verdadeira civilização. Vestidos com um hábito especial que marca o que eles são e o que eles pretendem neste mundo, eles dizem às multidões em meio às quais circulam, que somos todos feitos para o Céu e que devemos tender a ele. A esse sermão mudo acrescentam o de suas obras, obras de dedicação que não pedem retribuição aqui em baixo, e que afirmam, por esse desinteresse, que há uma recompensa maior que todos devem ambicionar. Enfim, seu ensinamento nas escolas e no púlpito não cessa de semear na alma das crianças, de fazer crescer na alma dos adultos, de propagar em todas as direções, a fé nos bens eternos. Não existe nada que se oponha mais diretamente e mais eficazmente ao restabelecimento da ordem social pagã. Não existe nada cujo desaparecimento a ressurreição dessa ordem projetada, desejada, perseguida há quatro séculos, requeira com mais urgência.[47] Pelo tempo em que os monges estão presentes, agem e ensinam, há e haverá não somente duas juventudes, mas duas França, a França católica e a França maçônica, tendo uma e outra ideais diferentes e mesmo opostos, lutando entre si para fazer triunfar cada qual o seu. E como a maçonaria, assim como o catolicismo, se estende ao mundo inteiro, e como por toda a parte as duas Cidades estão uma em face da outra, também em toda a parte se vê ao mesmo tempo o mesmo engajamento na mesma batalha. Em toda a parte a guerra está declarada aos religiosos, em toda a parte a palavra de ordem é expulsá-los, desbaratá-los. Quantas leis, quantos decretos a franco-maçonaria fez promulgar contra eles, em todos os países, somente no século XIX. Mas a abolição da vida monástica não é e não pode ser, como diz Waldeck-Rousseau, senão “um ponto de partida”. Depois dos religiosos vêm os padres, e mesmo que os padres viessem a ser dispersos, a Igreja permaneceria, com nos dias das Catacumbas, para manter a fé num certo número de famílias e num certo número de corações; e um dia ou outro, a fé traria de volta padres e religiosos, como ela o fez em 1800. É preciso, pois, algo mais. Primeiro, acabar de subjugar a Igreja, depois aniquilá-la. Tentaram subjugar a Igreja através da “estrita execução da Concordata”; esperam chegar a aniquilá-la através da lei da separação entre a Igreja e o Estado.

CAPÍTULO VIII: PARA ONDE CAMINHA A CIVILIZAÇÃO MODERNA

Capítulo VIII: necessidade de suprimir a Igreja para assegurar o triunfo da civilização moderna foi o que Waldeck-Rousseau tinha dado a entender no discurso de Toulouse. Foi o que Viviani disse brutalmente, em 15 de janeiro de 1901, do alto da tribuna. “Estamos encarregados de preservar de todo atentado o patrimônio da Revolução... Apresentamo-nos aqui carregando em nossas mãos, além das tradições republicanas, essas tradições francesas atestadas por séculos de combate, nos quais, pouco a pouco, o espírito laico foi se insinuando nas estreitezas da sociedade religiosa... Nós não estamos apenas frente à frente com as congregações, nós estamos frente à frente com a Igreja católica... Sob esse combate de um dia não é verdade que se reencontra mais uma vez esse conflito formidável em que o poder espiritual e o poder temporal disputam prerrogativas soberanas, tentando, no conquistarem as consciências, manter até o fim a direção da humanidade?” Como eu dizia no início, credes que esta lei nos leva à última batalha? Mas esta é apenas uma escaramuça relativamente às batalhas do passado e do futuro! A verdade é que aqui se reencontram, segundo a bela expressão de de Mun em 1878,[48] a sociedade baseada na vontade do homem e a sociedade baseada na vontade de Deus. Trata-se de saber se, nessa batalha, uma lei sobre as Associações vai ser suficiente para nós. As Congregações e a Igreja não vos ameaçam apenas por suas intrigas, MAS PELA PROPAGAÇÃO DA FÉ... Não temais as batalhas que se vos oferecerão, ide; e se encontrardes diante de vós essa religião divina que torna poético o sofrimento mediante promessa de reparações futuras, oponde-lhe a religião da humanidade

que, ela também, torna poético o sofrimento, oferecendo-lhe como recompensa a felicidade das gerações”. Eis aí a questão claramente posta. Ouvem-se nessas palavras menos os pensamentos pessoais de Viviani do que os da seita anticristã. Ela declara lutar há séculos contra a Igreja Católica: ela se vangloria de já ter obtido que o espírito laico se insinuasse pouco a pouco nas estreitezas da sociedade religiosa; ela diz que, no esforço feito para destruir as congregações, ela empenha apenas uma escaramuça, e que, para garantir o triunfo definitivo, ela deverá aplicar-se a novas e numerosas batalhas. Em seu nome, Viviani declara que na batalha atual trata-se de coisa muito diferente da “defesa republicana”, de um lado, e da aceitação da forma de governo, de outro lado. Eis do que se trata: “insinuar o espírito laico nas estreitezas da sociedade religiosa”, “tomar as rédeas da humanidade”, “e destruir a sociedade baseada na vontade de Deus, para construir uma sociedade nova, baseada na vontade do homem”. [49] Eis porque a guerra declarada contra as congregações é apenas um alistamento. A verdadeira campanha é aquela que põe frente a frente a Igreja Católica e o Templo maçônico, isto é, a Igreja de Deus e a Igreja de Satã, conflito formidável do qual depende a sorte da humanidade. Durante o tempo em que a Igreja estiver de pé, Ela propagará a fé, Ela colocará no coração dos que sofrem – e quem não sofre? – as esperanças eternas. É somente sobre suas ruínas, pois, que se poderá edificar “a religião da humanidade, que promete a felicidade sobre esta terra”. A continuação da discussão, no Senado assim como na Câmara, apenas acentuou a importância dessas declarações. Algumas curtas citações mostrarão que o discurso de Waldeck-Rousseau e de Viviani têm exatamente o significado que acabamos de dar. Jacques Piou: “Aquilo que os socialistas querem, Viviani disse-o outro dia, sem reboços. É arrancar as consciências do poder espiritual e conquistar a direção da humanidade”. O orador é interrompido por um membro da esquerda que lhe grita: “Não são somente os socialistas que o querem, são todos os republicanos”. Piou não contradiz. Ele lê um discurso em que Bourgeois afirmara: “Desde que o pensamento francês se liberalizou, desde que o espírito da Reforma, da Filosofia e da Revolução entrou nas instituições da França, o clericalismo é o inimigo”. Bourgeois interrompe; Viviani replica: “A citação que fiz é exata, e Bourgeois mantém-na por inteiro. Ele a mantém porque ela constitui o fundo de seu pensamento; ela explica seu ardor em sustentar a lei sobre as associações, porque a lei sobre as associações é a vitória do espírito da Revolução, da Filosofia e da Reforma sobre a afirmação católica”. Na sessão de 22 de janeiro, Lasies repõe a questão em seu verdadeiro terreno, nestes termos: “Há duas frases, direi dois atos, que dominam todo este debate. A primeira frase foi pronunciada por nosso nobre colega Viviani. Ele disse: “Guerra ao catolicismo!” Levantei-me e respondi-lhe: “Obrigado, eis o que é franqueza!” Uma outra palavra foi pronunciada, e esta pelo digno Léon Bourgeois. A convite de Piou, Bourgeois afirmou novamente que o objetivo que ele persegue com seus amigos é substituir o espírito da Igreja, isto é, o espírito do catolicismo, pelo espírito da Reforma, pelo espírito da Revolução e pelo espírito da Razão. Essas palavras pairam sobre o debate, dominam-no, e quero tratar disso face a face, porque aí está toda a questão, desimpedida dos subterfúgios da linguagem e das hipocrisias da discussão”. Em 11 de março, C. Pelletan declara também que a luta atual se interliga ao grande conflito envolvendo os direitos do homem e os direitos de Deus. “Eis o conflito que paira acima de tudo neste debate”. Em 28 de junho, no encerramento da discussão, o abade Gayraud pensa dever, antes da votação, lembrar aos deputados o que eles vão fazer, sobre o que eles vão se pronunciar. “A lei que ides votar não é uma lei de conciliação ou de pacificação. Está-se enganando o país com palavras. É uma lei de ódio contra a Igreja Católica. Viviani desvendou o fundo do projeto, quando declarou da tribuna a guerra à Fé católica”. De Mun realiza a mesma tarefa: “Ninguém esqueceu o memorável

discurso de Viviani, que permanecerá, apesar da abundância dos discursos e dos cartazes, o mais bem compreendido. Viviani vê na lei o começo da guerra contra a Igreja Católica, que é o alfa e o ômega de seu partido... No relatório que o Officiel publicou esta manhã e que tivemos que ler apressadamente, o digno Trouillot diz que a lei das associações é o prelúdio da separação entre as Igrejas e o Estado, que deverá ter por corolário indispensável uma lei geral sobre a disciplina dos cultos. A Câmara e o país estão, pois, esclarecidos. É a guerra aberta, declarada à Igreja Católica. Porque essa lei geral sobre a disciplina dos cultos não passará de um conjunto de prescrições de natureza a entrar, por todos os meios possíveis, os ministros do culto". Viviani sobe à tribuna para confirmar a ameaça de Trouillot, o qual, ademais, apenas repete o que numerosos ministros tinham dito antes dele: "No curso das sessões durante as quais o partido republicano rematou o projeto atual, tão incompleto e tão imperfeito que fosse sua forma legal, nós aderimos plenamente a ele, com o desejo bem determinado de fortificá-lo no futuro através de novas medidas". (Muito bem! muito bem! da extrema-esquerda). Quais devem ser essas medidas? Para onde devem tender? Viviani disse: "substituir a religião católica pela religião da humanidade", ou, segundo a fórmula de Bourgeois, "dar ao espírito da Revolução, da Filosofia e da Reforma, a vitória sobre a afirmação católica": a afirmação católica que mostra o fim do homem além deste mundo e da vida presente, e o espírito da Filosofia e da Revolução, que limita o horizonte da humanidade à vida animal e terrestre. Se as palavras que acabamos de relatar tivessem sido pronunciadas em um clube ou numa loja maçônica, mereceriam consideração em razão de sua gravidade. Mas que elas tenham sido ditas na tribuna, e repetidas, lá ainda, com cerca de seis meses de intervalo, aplaudidas pela grande maioria dos representantes do povo, e enfim sancionadas por uma lei feita segundo o espírito que as pronunciou, eis aí, seguramente, um sério tema para meditação. Viviani disse: "Não estamos somente enfrentando as Congregações, nós estamos face a face com a Igreja Católica", para combatê-la, para dedicar-lhe uma guerra de EXTERMÍNIO". Há muito tempo este pensamento povoa o espírito dos inimigos de Deus. Há muito tempo eles se vangloriam de poder exterminar a Igreja. Em uma carta escrita em 25 de fevereiro de 1758, Voltaire dizia: "Ainda vinte anos e Deus terá o melhor jogo". Ao tenente de polícia Hérault, que lhe repreendia a impiedade dizendo: "O senhor se esforça em vão; apesar do que escreve, não conseguirá destruir a religião cristã", Voltaire respondeu: "É o que veremos". [50] Deus teve o melhor jogo... contra Voltaire. No que diz respeito à Igreja, eis não vinte anos, mas cento e cinquenta anos que se passaram; e a Igreja Católica continua de pé. Assim também será nos nossos dias, se bem que eles se sintam seguros de ter, desta vez, melhor adotado suas providências. Em 15 de janeiro de 1881, o Journal de Genève publicava uma entrevista de seu correspondente em Paris com um dos chefes da maioria franco-maçônica que dominava, naquela época como hoje, a Câmara dos Deputados: "No fundo de tudo isso (de todas essas leis promulgadas umas após as outras), há uma inspiração dominante, um plano determinado e metódico, que se desenvolve com maior ou menor ordem, maior ou menor velocidade, mas com um lógica invencível. O que fazemos, é o cerco em regra ao catolicismo romano, buscando nosso ponto de apoio na Concordata. Queremos fazê-lo capitular ou quebrá-lo. Sabemos onde estão suas forças vivas e é lá que queremos atingi-lo". Em 1886, no número de 23 de janeiro da Semaine Religieuse de Cambrai, referíamos estas outras palavras pronunciadas em Lille: "Perseguiremos sem perdão o clero e tudo o que diz respeito à religião. Empregaremos contra o catolicismo meios dos quais ele próprio duvida. Faremos esforços de gênio para que ele desapareça deste mundo. Se apesar de tudo suceder que ele resista a esta guerra científica, serei o primeiro a declarar que ele é de essência divina". G. de Pascal escrevia na Revue Catholique et Royaliste, número de março de 1908: "Faz muitos anos, o

cardeal Mermillod me contou um episódio que retrata bem a situação, quando ele ainda estava em Genebra: o ilustre prelado via de tempos em tempos o príncipe Jerônimo Bonaparte, que morava na região de Prangins. O príncipe revolucionário apreciava muito a conversa do espiritual bispo. Um dia, ele lhe disse: “Não sou um amigo da Igreja Católica, não acredito em sua origem divina, mas conhecendo o que se trama contra ela, os esforços admiravelmente executados contra sua existência, se Ela resistir a esse assalto serei obrigado a concordar que há aí alguma coisa que ultrapassa o humano”. Em junho de 1903, a *Vérité Française* referia que Ribot, numa conversa íntima, falara da mesma maneira: “Sei o que se prepara; conheço em detalhes as malhas da vasta rede que está estendida. Muito bem, se a Igreja romana escapa desta vez na França, isto será um milagre, milagre tão deslumbrante a meus olhos que me farei católico convosco”. [51] Nós vimos esse milagre no passado, nós o veremos no futuro. Os jacobinos podiam crer-se muito seguros, mais seguros mesmo do sucesso do que nossos livre-pensadores; eles tiveram de reconhecer que se tinham enganado, ...e eles não se converteram. “Vi, disse Barruel em suas *Mémoires*, [52] vi Cerutti acercar-se insolentemente do secretário do Núncio de Pio VI, e com uma alegria ímpia, com o sorriso da piedade, dizer-lhe: “Protegei bem vosso Papa; protegei bem este, e embalsamai-o bem após sua morte, porque eu vos anuncio, e podeis estar bem certo disto, não tereis outro”. Ele então não adivinhava, esse pretense profeta, continua Barruel, que ele apareceria antes de Pio VI perante o Deus que, apesar das tempestades do jacobinismo, como apesar de tantas outras, nem por isso não estará menos com Pedro e Sua Igreja até o fim dos séculos”. Viviani disse que se a maçonaria queria aniquilar a Igreja, era para poder substituir a religião de Cristo pela religião da humanidade. Constituir uma nova religião, a “religião da humanidade”, é, com efeito, nós o veremos, o objetivo para o qual a franco-maçonaria direciona o movimento começado na Renascença: a libertação da humanidade. Numa obra editada em Friburgo, sob o título *A deificação da humanidade*, ou o lado positivo da franco-maçonaria, o padre Patchtler bem demonstrou o significado que a maçonaria dá à palavra “humanidade” e o uso que dela faz. “Essa palavra, diz ele, é empregada por milhares de homens (iniciados ou ecos inconscientes dos iniciados), num sentido confuso, sem dúvida, mas sempre, entretanto, como o nome de guerra de um certo partido para uma certa finalidade, que é a oposição ao cristianismo positivo. Essa palavra, na boca deles, não significa somente o ser humano por oposição ao ser bestial... ela coloca, em tese, a independência absoluta do homem no domínio intelectual, religioso e político; ela nega todo fim sobrenatural do homem, e requer que a perfeição puramente natural da raça humana seja encaminhada pelas vias do progresso. A esses três erros correspondem três etapas na via do mal: a Humanidade sem Deus, a Humanidade que se faz de Deus, a Humanidade contra Deus. Tal é o edifício que a maçonaria pretende erguer no lugar da ordem divina que é Humanidade com Deus. Quando a seita fala da religião do futuro, da religião da humanidade, é este edifício, este Templo que tem em mente. Em 1870, por volta do fim de julho e começo de agosto, realizou-se em Metz um congresso do qual participaram as lojas de Strasbourg, Nancy, Vesoul, Metz, Châlons-sur-Marne, Reims, Mulhouse, Sarreguemines, numa palavra, todo o Este. A questão do “Ser supremo” foi colocada, e as discussões que se seguiram propagaram-se de loja em loja. Para resumir, o *Monde Maçonnique*, edições de janeiro e maio, fez a seguinte declaração: “A franco-maçonaria nos ensina que não há senão uma só religião verdadeira, e por conseguinte uma só natural, o culto da humanidade. Porque, meus irmãos, Deus, essa abstração que, erigida em sistema, serviu para formar todas as religiões, nada mais é do que o conjunto de todos nossos instintos mais elevados, aos quais demos um corpo, uma existência distinta; esse Deus é apenas o produto de uma concepção generosa,

mas errônea, da humanidade, que se despojou em benefício de uma quimera”. Nada mais claro: a humanidade é Deus, os direitos do homem devem substituir os da lei divina, o culto dos instintos do homem deve tomar o lugar daquele rendido ao Criador, a procura do progresso nas satisfações a dar aos sentidos deve substituir as aspirações da vida futura. Numa sessão comum das lojas de Lyon, realizada em 3 de maio de 1882 e cujo resultado foi publicado na Chaîne d'Union de agosto de 1882, Régnier dizia: “É preciso não ignorar o que não é mais um mistério: que há muito tempo dois exércitos estão frente a frente, que a luta está atualmente aberta na França, na Itália, na Bélgica, na Espanha, entre a luz e a ignorância, e que uma terá razão sobre a outra. É preciso que se saiba que os Estados-Maiores, os chefes desses exércitos, são, de um lado os jesuítas (leia-se: o clero, secular e regular) e de outro os franco-maçons”. Mas a destruição da Igreja não deixará o lugar suficientemente limpo para a construção do Tempo maçônico; aos clamores contra a Igreja juntam-se sempre gritos não menos raivosos contra a ordem social, contra a família e contra a propriedade. E assim deve ser, posto que as verdades da ordem religiosa entraram na própria substância dessas instituições. A sociedade repousa sobre a autoridade, que tem seu princípio em Deus; a família, sobre o casamento que retira da benção divina sua legitimidade e sua indissolubilidade; a propriedade, sobre a vontade de Deus, que a promulgou no sétimo e no décimo mandamento para protegê-la contra o roubo e mesmo contra a cobiça. É tudo isto que importa destruir, se se quer, como pretende a seita, fundar a civilização sobre novas bases. Leão XIII anotou isso na sua encíclica *Humanum genus*: “Aquilo a que os franco-maçons se propõem, disse ele, aquilo para que tendem todos os seus esforços, é a completa destruição de toda a disciplina religiosa e social nascidas das instituições cristãs, e a substituição por uma outra, adaptada às suas idéias, cujo princípio e leis fundamentais são tirados do naturalismo”. As idéias e os projetos expostos na tribuna e nas lojas são a expressão de um pensamento e de uma vontade que se encontram por toda a parte. A França, a Bélgica, a Suíça, a Itália, a Alemanha, ouvem-nos em todos os congressos democráticos, lêem-nos cada dia numa multidão de jornais. Em 1865 realizou-se em Liège o congresso dos estudantes. Nesse congresso foram escolhidos, inicialmente, o estado-maior da internacional, depois os auxiliares de Gambetta. Mais de mil jovens, vindos da Alemanha, da Espanha, da Holanda, da Inglaterra, da França, da Rússia, estiveram presentes. Eles se mostraram unânimes em seus sentimentos de ódio contra os dogmas e mesmo contra a moral católica: unanimidade de adesão às doutrinas e aos atos da Revolução Francesa, nesta compreendidos os massacres de 1793; unanimidade de ódio contra a ordem social atual, “que não conta nem duas instituições baseadas na justiça”, expressão pronunciada na tribuna por Arnoult, redator do *Précurseur* de Anvers, e aplaudido a não mais poder pela assembleia. Um outro orador, Fontaine, de Bruxelas, terminou seu discurso com estas palavras: “Nós, revolucionários e socialistas, queremos o desenvolvimento físico, moral e intelectual do gênero humano. Nós queremos, na ordem moral, pela supressão dos preconceitos de religião e de igreja, chegar à negação de Deus e ao livre exame. Nós queremos, na ordem política, pela realização da idéia republicana, chegar à federação dos povos e à solidariedade dos indivíduos. Na ordem social, queremos, pela transformação da propriedade, pela abolição da herança, pela aplicação dos princípios de associação, de mutualidade, chegar à solidariedade dos interesses e à justiça! Nós queremos, primeiramente pela libertação do trabalhador, e em seguida, do cidadão e do indivíduo, e sem distinção de classes, a abolição de todo sistema autoritário”. Outros falaram no mesmo sentido. É que a supressão do cristianismo não pode ser concebida sem a ruína de todas as instituições dele nascidas e nele baseadas; os homens lógicos o compreendem, os homens francos o dizem, os anarquistas o executarão. Nesse

mesmo congresso de Liège, Lafargue perguntava: “O que é a Revolução?” E respondia: “A Revolução é o triunfo do trabalho sobre o capital, do operário sobre o parasita, do homem sobre Deus. Eis a Revolução social que comportam os princípios de 1889 e os direitos do homem levados à sua última expressão”. Ele dizia ainda: “Faz quatrocentos anos que minamos os alicerces do catolicismo, a mais forte máquina jamais inventada em matéria de espiritualismo; ela ainda está sólida, infelizmente!” Depois, na última sessão, lançou este grito do inferno: “Guerra a Deus! Ódio a Deus! O PROGRESSO ESTÁ AÍ! É preciso estourar o céu como um saco de papel”. A conclusão de Lafargue foi: “Na presença de um princípio tão grande, tão puro como este (assim liberto do sobrenatural e de tudo o que tem constituído até aqui a ordem social), é preciso odiar ou provar que se ama”. Outros franceses pediram com ele que a separação fosse a mais clara e a mais inteira entre os que odeiam e os que amam, entre os que odeiam o mal e amam o bem, e entre os que odeiam o bem e amam o mal. Regnard, parisiense, veio dizer onde a maçonaria coloca o bem e o mal: o mal no espiritualismo, o bem no materialismo. “Nós vinculamos nossa bandeira aos homens que proclamam o materialismo: todo homem que é a favor do progresso é também a favor da filosofia positiva ou materialista”. Quando a palavra “progresso” e outras semelhantes caem de lábios maçônicos, encontramos católicos para recolhê-las com uma espécie de respeito e de ingênua confiança, crendo ver nelas aspirações relativas a um estado de coisas desejável. Lafargue e Regnard acabam de nos contar o que a seita, que pôs esses termos em circulação, entendeu que eles deveriam representar. Germain Casse: “É preciso que, saindo daqui, nós sejamos de PARIS ou de ROMA, ou jesuítas, ou revolucionários”. E como sanção, ele pede “a exclusão total, completa de todo indivíduo que represente, em qualquer nível, a idéia religiosa”. Condição necessária para que possa ser estabelecida e, sobretudo, subsistir a nova ordem de coisas desejada e pedida. Inútil prolongar essas citações, estenografadas pelos redatores da Gazette de Liège nas próprias mesas do congresso. Os outros jornais tiveram medo de reproduzir essas palavras em sua grande crueza. O cidadão Fontaine lembrou-os a propósito da verdade: “Um só jornal, disse ele, um só foi de boa fé, a Gazette de Liège, e isto porque ele é com franqueza católico, apostólico e romano. Ele publicou uma análise completa dos debates”. No ano seguinte, no congresso de Bruxelas, o cidadão Sibrac, francês, concitou as mulheres para a grande obra; e para convencê-las disse-lhes: “Foi Eva quem lançou o primeiro grito de revolta contra Deus”. – Sabemos que um dos gritos de admiração da franco-maçonaria é: “Eva! Eva!” Nesse congresso, também o cidadão Brismée disse: “Se a propriedade resiste à Revolução, é preciso, por decretos populares, liquidá-la. Se a burguesia resiste, é preciso matá-la”. E o cidadão Pèlerin: “Se seiscentas mil cabeças põem obstáculo, que elas caiam!” Após os congressos de Liège e de Bruxelas houve um outro em Genebra, composto de estudantes e de operários, como em Bruxelas. Aí também Deus e a religião foram de comum acordo afastados, as idéias religiosas declaradas funestas ao povo e contrárias à dignidade humana, a moral proclamada independente da religião. Falou-se em organizar greves “imensas, invencíveis”, que deviam terminar pela GREVE GERAL. Abreviemos. Um outro congresso internacional foi realizado em Haia, em 1873. O cidadão Vaillant também disse ali que a guerra ao catolicismo e a Deus não podia prosseguir sem a guerra à propriedade e aos proprietários. “A burguesia, disse, deve contar com uma guerra mais séria do que a luta latente à qual a Internacional está atualmente condenada. E o dia da revanche da Comuna de Paris não tardará!” Extermínio completo da burguesia: tal deve ser o primeiro ato da futura revolução social”. [53] Se quiséssemos dar uma idéia do que foi dito e do que foi impresso nesses últimos trinta anos, iríamos ao infinito. É do conhecimento de todos que o regime republicano, sobretudo nestes últimos tempos, deixou entrar, ou mesmo

propagou, em todas as classes da sociedade, as idéias mais subversivas. **CAPÍTULO IX: É A MAÇONARIA QUE COMANDA A GUERRA CONTRA A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ** No dia seguinte ao da publicação da encíclica através da qual Leão XIII denunciou novamente ao mundo a franco-maçonaria como sendo o agente secreto da guerra contra a Igreja e contra toda a ordem social, o Bulletin de la Grande Loge Symbolique Écossaise exprimiu o pensamento da seita nestes termos: "O mínimo que a franco-maçonaria pode fazer é agradecer ao Soberano Pontífice sua última encíclica. Leão XIII, com uma autoridade incontestável e com grande luxo de provas, acaba de demonstrar, mais uma vez, que existe um abismo intransponível entre a Igreja, da qual ele é o representante, e a Revolução, da qual a franco-maçonaria é o braço direito. É bom que aqueles que estão hesitantes parem de entreter vãs esperanças. É preciso que todos se habituem a compreender que é chegada a hora de OPTAR entre a ordem antiga, que se apóia na Revelação, e a nova ordem, que não reconhece outros fundamentos que não sejam a ciência e a razão humana, entre o espírito de autoridade e o espírito de liberdade". [54] Este pensamento foi novamente expresso na Convenção de 1902, pelo orador encarregado de pronunciar o discurso de encerramento: "...O que nos separa? É um abismo, abismo que não será coberto senão no dia em que a triunfar a maçonaria, obreira incansável do progresso democrático e da justiça social... Até lá, nada de trégua, de repouso, de aproximação, de concessões... É a última fase da luta da Igreja e da Congregação contra nossa sociedade republicana e laica. O ESFORÇO DEVE SER SUPREMO..." Derrubada a Igreja, todo o resto ruirá. Também La Lanterne, órgão oficioso de nossos governantes e da franco-maçonaria, não cessou de dizer todos os dias e em todos os tons: "Antes de qualquer outra questão, antes da questão social, antes da questão política, é preciso terminar de vez com a questão clerical. É a chave de todo o resto. Se cometermos o crime de capitular, de retardar nossa ação, de deixar o adversário escapar, logo o partido republicano e a República estarão perdidos... A Igreja não nos permitiria recomeçar a experiência. Ela sabe hoje que a República ser-lhe-á mortal, e se esta não a matar, é Ela que matará a República. Entre a República e a Igreja existe um duelo de morte. Apressemos-nos em esmagar a infame, ou resignemo-nos a deixar a liberdade sufocada durante séculos". Um fato que acaba de acontecer mostra resumidamente o que será exposto na segunda e na terceira parte deste livro: como a seita age para chegar à realização de seus desígnios. Sob vão pretexto, acontece uma revolta em Barcelona; incêndios e massacres forçam o governo espanhol a colocar a cidade em estado de sítio... O instigador Ferrer é preso. Em vez de ser fuzilado incontinenti, é entregue ao tribunal militar, que o condena à morte. O julgamento é ratificado. Despachos mentirosos são enviados aos jornais de todos os países: Ferrer não foi julgado segundo as leis. Seu defensor não pôde agir amplamente. O clero, o próprio Papa são envolvidos. "A mão sangrenta da Igreja, parte no processo, escreveu La Lanterne, conduziu tudo; e os soldados do rei da Espanha limitam-se a executar Suas vontades. Todos os povos devem se revoltar contra essa religião de morte e de sangue". Em apoio, uma caricatura representa um padre segurando um punhal. Ameaças de represálias, de assassinato do rei e do Papa chovem em Madri e em Roma. Petições circulam em Paris, Roma, Bruxelas, Londres, Berlim, para protestar contra o julgamento. Ferrer é executado. Logo se produzem manifestações, várias sangrentas, nas principais cidades da França e de todos os países europeus. Por cúmulo, uma espécie de triunfo quer glorificá-lo nas ruas de Paris, com a cobertura da polícia e a participação do exército, ao canto da Internacional. Os governantes são interpelados nos diversos parlamentos, protestos são assinados pelos Conselhos departamentais, municipais. Cinquenta e sete cidades da França decidem dar o nome de Ferrer a uma de suas ruas. A espontaneidade e o conjunto prodigioso dessas manifestações por uma causa estranha aos

interesses dos diversos países indica uma organização que se estende a todos os povos, tendo capacidade de ação até nas mais humildes localidades. Entre as peças do processo de Barcelona, uma há que estabelece que Ferrer pertencia à grande loja internacional, o misterioso centro de onde se exerce sobre o mundo o poder oculto da Maçonaria. Mas eis que a seita se denuncia a si mesma. O conselho da ordem do Grande Oriente de Paris enviou a todas as suas oficinas e a todas as potências maçônicas do mundo, um manifesto de protesto contra a execução de Ferrer. Nele o conselho reivindicava o revoltoso como um dos seus: "Ferrer era um dos nossos. Ele sentiu que a obra maçônica exprimia o mais alto ideal que pode ser dado ao homem realizar. Ele afirmou nossos princípios até o fim. O que se quis atingir nele foi o ideal maçônico." Diante da marcha do progresso indefinido da humanidade ergueu-se uma força de estagnação cujos princípios e ação visam a nos jogar na noite da Idade Média". O Grande Oriente da Bélgica apressou-se em responder ao manifesto do Grande Oriente da França: "O Grande Oriente da Bélgica, partilhando os nobres sentimentos que inspiraram a proclamação do Grande Oriente da França, se associa, em nome das lojas belgas, ao protesto indignado que este dirigiu à Maçonaria universal e ao mundo civilizado contra a sentença iníqua pronunciada e impiedosamente executada relativamente ao Irmão Francisco Ferrer". O Grande Oriente italiano e outros sem dúvida fizeram o mesmo: "Francisco Ferrer, honra da cultura e do pensamento modernos, apóstolo infatigável da idéia laica, foi fuzilado por ordem dos Jesuítas, no horrível calabouço da fortaleza de Montjuich, no qual ainda ressoam os gritos de inumeráveis vítimas... Um frêmito de horror percorreu o mundo, que, num sublime impulso de solidariedade humana, amaldiçoou os autores conhecidos e ocultos da morte e os vota à execração e à infâmia". O comitê central da Liga maçônica dos direitos do homem, reunido em sessão extraordinária em 13 de outubro de 1909, decidiu erguer um monumento à memória de Ferrer, "mártir do livre pensamento e do ideal democrático". Ele convidou todas as organizações do livre pensamento a contribuírem para a realização desse projeto, e resolveu erguê-lo em Montmartre, em frente à igreja do Sagrado Coração. A franco-maçonaria declarou, pois, em palavras e em atos que ela considerava e defendia Ferrer como a encarnação do "ideal maçônico". Qual era o ideal de Ferrer? Ele mesmo o proclamou em maio de 1907, na revista pedagógica Humanidad Nueva, na qual expôs os princípios da "Escola moderna" que acabava de fundar com dinheiro pouco lealmente conseguido de um católico praticante e mesmo piedoso. "Quando tivemos, faz seis anos, a imensa alegria de abrir a Escola Moderna de Barcelona, apressamo-nos em divulgar que seu sistema de ensino seria racionalista e científico. Queríamos prevenir o público de que, sendo a ciência e a razão antídotos de todo dogma, não ensinaríamos em nossa escola nenhuma religião... "Quanto mais nos mostravam a temeridade que tínhamos em nos colocar tão francamente em face da Igreja todo-poderosa da Espanha, mais sentíamos a coragem para perseverar em nossos projetos. "Entretanto, é necessário esclarecer que a missão da Escola moderna não se limita somente ao desejo de ver desaparecer os preconceitos religiosos das inteligências. Se bem que esses preconceitos sejam daqueles que mais se opõem à emancipação intelectual dos indivíduos, não obteríamos, com seu desaparecimento, uma humanidade livre e feliz, posto que se pode conceber um povo sem religião, mas também sem liberdade. "Se as classes trabalhadoras se libertassem dos preconceitos religiosos e conservassem o da propriedade tal como existe no momento, se os trabalhadores acreditassem sem cessar na parábola que sempre haverá pobres e ricos, se o ensino racionalista se contentasse em disseminar noções sobre higiene e as ciências em preparar somente bons aprendizes, bons operários, bons empregados em todas as profissões, nós continuaríamos a viver mais ou menos sãos e robustos com o modesto alimento que nos

proporcionaria nosso módico salário, mas não deixaríamos de ser sempre os escravos do capital. “A Escola Moderna pretende, pois, combater todos os preconceitos que se opõem à emancipação total do indivíduo e ela adotou, com esse objetivo, o racionalismo humanitário, que consiste em inculcar na juventude o desejo de conhecer a origem de todas as injustiças sociais, a fim de que ela venha a combatê-las através dos conhecimentos que adquirir. “Nosso racionalismo combate as guerras fratricidas, sejam internas, sejam externas, a exploração do homem pelo homem; ele luta contra o estado de servidão no qual se encontra atualmente colocada a mulher em nossa sociedade; em uma palavra, ele combate os inimigos da harmonia universal, como a ignorância, a maldade, o orgulho e todos os vícios e defeitos que dividem os homens em duas classes: os exploradores e os explorados”. Numa carta endereçada a um de seus amigos, Ferrer manifestava de maneira ainda melhor o pensamento de sua escola: “Para não atemorizar as pessoas e para não fornecer ao governo um pretexto para fechar meus estabelecimentos, eu os chamo “Escola Moderna” e não “Escola de Anarquistas”. Porque a finalidade de minha propaganda é, confesso-o francamente, formar em minhas escolas anarquistas convictos. Meu desejo é convocar a revolução. No momento, todavia, devemos contentar-nos em implantar no cérebro da juventude a idéia do saque violento. Ela deve aprender que não existe, contra os policiais e a tonsura, senão um único meio: a bomba e o veneno”. A instrução do processo levou à descoberta, na villa “Germinal”, em que ele morava, de documentos escondidos em um subterrâneo habilmente dissimulado e que tinha diversas portas de saída. Esses documentos provavam que ele era a alma de todos os movimentos revolucionários que se produziram na Espanha, desde 1872. Eis, entre outros, extratos de circulares redigidas em 1892: “Companheiros, sejamos homens, esmaguemos esses infames burgueses... Antes de construir, arruinemos tudo... Se entre os políticos alguns apelarem à vossa humanidade, matai-os... Abolição de todas as leis... expulsão de todas as comunidades religiosas... Dissolução da Magistratura, do Exército e da Marinha... Demolição das igrejas...” Enfim, do próprio punho de Ferrer, esta nota: “Eu disponho de uma receita para fabricar a panclastite”. Eis o homem que a franco-maçonaria apresentou ao mundo como professando o seu IDEAL. Alguns dias após a execução de Ferrer, o Gabinete de Madrid foi forçado a pedir demissão; os chefes do partido liberal e do partido democrático, obedecendo sem dúvida às injunções da loja, levaram ao conhecimento de Maura que eles fariam uma obstrução irreduzível a toda medida, a todo projeto que ele apresentasse. Ora, na Espanha, sem pelo menos dois terços dos votos tudo pode ficar sempre parado e tornar-se legalmente impossível. O partido liberal e o partido democrático, ao recusarem seu concurso daquele dia em diante, tornavam a administração impossível. Essa demissão alegrou os livre-pensadores e os ateus em toda Europa. O Action dizia: “Não é verdade que, no mundo inteiro, um grande duelo, em toda a parte o mesmo, se fere entre as Religiões e o Livre Pensamento, entre a Autocracia e a Democracia, entre o Absolutismo e a Revolução? Existem fronteiras para a Igreja e uma pátria para o Vaticano? O drama da humanidade não é jogado ao redor dessas formas internacionais que são a Convenção e a Escola? A queda do gabinete Maura, assim como a execução de Ferrer, não constituíram senão um episódio desse grande drama incessante”. Nós nos alongamos sobre esse fato. Nada poderia melhor preparar o leitor para compreender o que vai seguir: a história da ação maçônica na França durante os dois últimos séculos, a exposição da organização da seita, de seus meios de ação e de seus procedimentos, as conjecturas sobre o resultado da luta em que se empenham a sinagoga de Satã e a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. I O AGENTE DACIVILIZAÇÃO MODERNA HISTÓRICO PRIMEIRO PERÍODO DOS PRIMÓRDIOS À REVOLUÇÃO CAPÍTULO X: A FRANCO-MAÇONARIANOS SEUS PRIMÓRDIOS Numa Carta

Pastoral escrita em 1878, Monsenhor Martin, bispo de Natchitoches, nos Estados Unidos, disse com muito acerto: “Na presença dessa perseguição de uma universalidade até aqui inaudita, da simultaneidade de seus atos, da similaridade dos meios que ela emprega, somos forçosamente levados a concluir pela existência de uma direção, de um plano de conjunto, de uma forte organização, que executa um objetivo determinado para o qual tudo tende. “Sim, ela existe, essa organização, com seu fim, seu plano e a direção oculta à qual ela obedece; sociedade compacta apesar de sua disseminação sobre o globo; sociedade misturada a todas as sociedades, sem se fazer notar em nenhuma delas; sociedade de um poder acima de todo o poder, excetuado o de Deus; sociedade terrível, que é, para a sociedade religiosa, para as sociedades civis, para a civilização do mundo, não somente um perigo, mas o mais temível dos perigos”. Leão XIII expôs nestes termos o fim que essa organização internacional persegue: “O desígnio supremo da franco-maçonaria é DERRUBAR DE ALTO A BAIXO toda a disciplina religiosa e social nascida das instituições cristãs, E DE SUBSTITUÍ-LA POR UMA NOVA DISCIPLINA, moldada segundo sua idéia, cujos princípios fundamentais e leis são emprestados do NATURALISMO”. [55] A idéia de substituir a civilização cristã por uma outra civilização baseada no naturalismo, nasceu, dissemos, na metade do século XIV; um esforço sobre-humano, continuado até nossos dias, foi tentado para realizá-la no fim do século XVIII. Concebemos com dificuldade que, combatida durante todo esse tempo pela Igreja, ela tenha subsistido e se tenha desenvolvido através de cinco séculos, para explodir enfim com o poder que nela vemos hoje, se não se pressupõe que, através desse longo espaço de tempo, tenham existido homens que transmitiram a sua guarda e a propaganda de geração em geração, e uma sociedade poderosa para preparar-lhe o triunfo. Uma verdadeira conspiração contra o cristianismo pressupõe, com efeito, não somente o desejo de destruí-lo, mas inteligências, um concerto nos meios de atacá-lo, combatê-lo e aniquilá-lo. Esses adeptos, visto que conspiravam contra o estado de coisas existente, tinham todo interesse em se esconder durante a vida, e em deixar após eles a menor quantidade de pistas possível sobre a existência de sua associação e de sua conspiração. No entanto, indícios sérios permitem acreditar que a idéia dos humanistas foi recolhida pela franco-maçonaria. Existisse a maçonaria ou não antes deles, ela tentou a realização dos seus desígnios no século XVIII e retomou-os em nossos dias com a experiência que seu insucesso lhe conferiu. Os franco-maçons pretendem fazer remontar suas origens ao templo de Salomão, e mesmo serem os herdeiros dos mistérios do paganismo. Não examinaremos aqui o arrazoado ou não dessas pretensões; mas devemos verificar se, nos tempos modernos, a seita tem sido verdadeiramente a alma da transformação social começada pela Renascença, continuada pela Reforma, e que quer terminar pela Revolução [56], continuada há mais de um século. A segunda geração dos humanistas, mais ainda do que a primeira, introduziu nos espíritos uma maneira absolutamente pagã de conceber a existência. Essa tendência devia enfim provocar a resistência da autoridade suprema da Igreja. Foi o que aconteceu sob o reinado de Paulo II. Este Papa renovou o corpo dos [abréviateurs] da chancelaria, fazendo sair todos os que não eram de uma integridade e de uma honestidade perfeitas. Essa medida levou aos últimos limites a cólera dos que lhe sofreram as conseqüências. Durante vinte noites consecutivas eles assediaram as portas do palácio pontifício, sem conseguirem ser recebidos. Um deles, Platina, escreveu então a Papa para ameaçá-lo de ir procurar os reis e os príncipes, e de convidá-los a convocarem um concílio diante do qual Paulo II teria que se desculpar por sua conduta. Essa insolência acarretou-lhe a prisão na fortaleza Santo-Anjo. Os demais fizeram reuniões na casa de um deles, Pomponius Letus, do qual Pastor diz que “jamais talvez um sábio tenha impregnado sua existência de paganismo antigo no mesmo grau que ele”. “Ele

professava o mais profundo desprezo pela religião cristã e não cessava de se derramar em discursos violentos contra seus ministros”.[57]Essas reuniões deram nascimento a uma sociedade que eles chamaram Academia Romana. Uma multidão de jovens, pagãos de idéias e de costumes, juntaram-se a ela. Ao entrar nesse cenáculo, eles abandonavam seus nomes de batismo para tomar outros, tirados da antiguidade, e escolhidos mesmo entre os mais mal afamados. Ao mesmo tempo, apropriavam-se dos mais escandalosos vícios do paganismo. Valateranus reconheceu que essas reuniões e as festas que aí se celebravam eram “o início de um movimento que devia encaminhar-se para a abolição da religião”.É possível ter chegado um momento em que não se sentiram mais em segurança na casa de Pomponius? O fato é que os nomes dos membros da Academia Romana estão inscritos nas catacumbas; que Pomponius Letus foi qualificado de “Pontifex maximus” e Pantagathus, “padre”. [58] A esses nomes juntaram-se inscrições com caráter de deboche. Não tiveram vergonha de gravá-las nessas paredes tão profundamente veneráveis. O historiador Gregovorius não hesita em chamar essa Academia de “loja de franco-maçons clássicos”. A Academia tinha escolhido as trevas das catacumbas para melhor esconder da autoridade a sua existência; e dando aos seus chefes os títulos de “padre” e de “Soberano Pontífice”, manifestava não ser uma sociedade literária, mas uma espécie de igreja em oposição à Igreja Católica, uma religião, essa religião humanitária ou essa religião da Natureza com a qual a Revolução quis, mais tarde, na França, substituir a religião de Deus Criador, Redentor, Santificador; e cuja adoção por todo o gênero humano, como veremos, a seita almeja.À impiedade e à licenciosidade pagãs eles tinham dado por companheira a idéia republicana. Num dos últimos dias de fevereiro de 1468, Roma soube, ao despertar, que a polícia acabava de descobrir uma conspiração contra o Papa e de realizar numerosas prisões, principalmente entre os membros da Academia. O projeto consistia em assassinar Paulo II e proclamar a república romana.“Sem dúvida jamais se dissipará inteiramente, diz Pastor, a obscuridade que paira sobre essa conjuração”.Todos esses fatos carregam os caracteres de uma sociedade secreta.Na época da Reforma, a existência da franco-maçoneria torna-se mais manifesta. É ao século XVI, diz N. Deschamps, ao ano de 1535, que remonta o mais antigo documento autêntico das Lojas maçônicas. Ele é conhecido pelo nome de Carta de Colônia. Ele nos revela a existência, já antiga, que remonta talvez a dois séculos, de uma ou de várias sociedades secretas que existiam clandestinamente nos diversos Estados da Europa, e em antagonismo direto com os princípios religiosos e civis que tinham formado a base da sociedade cristã.N. Deschamps dá provas da autenticidade dessa carta. Digamos que não sejam aceitas por todos. Claudio Jannet admite-as. O original do documento encontrar-se-ia nos arquivos da loja-mãe de Amsterdã, que conserva, diz-se, também a ata de sua própria constituição, datada de 1519.Tudo é notável nesse documento: os fatos, as idéias e os nomes dos signatários. Ele nos revela a existência e a atividade, há pelo menos um século – o que nos leva além de Paulo II e da sociedade secreta dos humanistas – , de uma sociedade que já se estende a todo o universo, cercada do mais profundo segredo, que tem iniciações misteriosas, obedece a um chefe supremo ou patriarca, conhecido apenas de alguns mestres.“Não obedecendo a nenhum poder do mundo, dizem os signatários, e submissos somente aos superiores eleitos de nossa associação espalhada pela terra inteira, executamos suas incumbências ocultas e suas ordens clandestinas através de um intercâmbio de cartas secretas e por seus mandatários encarregados de missões expressas”.Dizem eles não permitir acesso a seus mistérios senão àqueles que foram examinados e aprovados e que se ligarão e consagrarão às suas assembléias mediante juramentos.Caracterizam a distinção entre eles e o mundo profano através destas palavras que encontramos em todos os

documentos da maçonaria: “O mundo iluminado” e “o mundo mergulhado nas trevas”, palavras que exprimem a totalidade da franco- maçonaria, porque sua finalidade é fazer passar das trevas do cristianismo à luz da pura natureza, da civilização cristã à civilização maçônica.

[*Download to continue reading...*](#)

A Conjuração dad gifts

The book by Sandi Doughton has a rating of 5 out of 4.7. 355 people have provided feedback.

Book Information

Language: Portuguese

File size: 7073 KB

Text-to-Speech: Enabled

Screen Reader: Supported

Enhanced typesetting: Enabled

X-Ray: Enabled

Word Wise: Not Enabled

Print length: 1116 pages

Lending: Enabled

Simultaneous device usage: Unlimited

[DMCA](#)